



Caminhadas dez anos depois

Relatos de universitários de origem popular

Leonor Franco de Araujo (Org.)

Coleção Estudos Afirmativos, v.6

Coleção Estudos Afirmativos, v.6.

CAMINHADAS DEZ ANOS DEPOIS RELATOS DE UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR

Leonor Franco de Araujo (Org.)

Organização da Coleção

André Lázaro

Rio de Janeiro
FLACSO
2016

Copyright © 2016 Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Autorizada a reprodução total ou parcial dos conteúdos desta publicação desde que sem fins lucrativos e citada a fonte.

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais/Brasil

Salete Valesan Camba – Diretora

Marcelle Tenório – Assistente de Direção

Carolina Castro Silva e Moisés Ibiapina – Assistentes de Pesquisa

Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior/Fundação Ford

André Lázaro – Coordenador

Margareth Doher e Luciano Cerqueira – Assistentes de Coordenação

Tayná Salvina – Estagiária

Laboratório de Políticas Públicas/UERJ

Emir Sader – Coordenador

Carmen da Matta – Coordenadora Técnica de Projetos Institucionais

Felipe B. Campanuci Queiroz – Coordenador Técnico de Projetos Institucionais

Carla Navarro e Maria Clara Oliveira – Bolsistas de Extensão

Editora Executiva: *Carmen da Matta*

Projeto Gráfico: *Marcelo Giardino*

Diagramação: *Pedro Biz*

Revisão: *Wendell Setubal*

Assistentes de Edição: *Carla Navarro e Tayná Salvina*

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SÍRIUS/NPROTEC

C691 Coleção estudos afirmativos, 6 : caminhadas dez anos depois : relatos de universitários de origem popular / organização Leonor Franco de Araujo e André Lázaro. – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA ; UERJ, LPP, 2016.
112 p.

ISBN 978-85-60379-34-7
e-ISBN 978-85-60379-35-4

1. Programas de ação afirmativa – Brasil. I. Araujo, Leonor Franco de. II. Lázaro, André. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Laboratório de Políticas Públicas. IV. Caminhadas dez anos depois : relatos de universitários de origem popular.

CDU 378(81)

FLACSO-Brasil/GEA-ES/LPP-UERJ

Rua São Francisco Xavier, 524/12.111-Bloco-F

Maracanã – CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: 55 21 2234-0969/2334-0890

<http://www.flacso.org.br/gea/> e <http://www.lpp.uerj.br/>

Apóio:  **FORDFOUNDATION**
Na Linha de Frente das Mudanças Sociais

SUMÁRIO

Novos caminhos de universitários de origem popular <i>André Lázaro</i>	5
Prefácio <i>Leonor Franco de Araujo</i>	9
Contribuições do Conexões de Saberes: trajetória de uma estudante de origem popular <i>Alessandra Moraes Padilha Soares</i>	13
Relato de trajetória a partir das experiências no Conexões de Saberes na UFMG <i>Amador da L. Moreira Filho</i>	17
Trilhando novas estradas e desbravando caminhos. Projeto Caminhadas, dez anos depois! <i>Catia Avelino</i>	23
Corpo molhado de história <i>Cleberson de Deus Silva</i>	29
E sigo a caminhar: os passos dados após o Conexões de Saberes na UFES <i>Elaine Dal Gobbo</i>	33
Camponês educador <i>Ezequiel Antonio de Moura</i>	39
La risa y el llanto <i>Fran Rodrigues</i>	45

Trajetória acadêmica e profissional após dez anos no Conexões de Saberes <i>Francisco de Assis dos Santos Silva</i>	49
“Para não morrer no nascedouro” <i>Josemeire Alves Pereira</i>	53
Uma história vivida por inteiro: um processo de muita conquista e determinação <i>Josiane Moraes</i>	59
Uma década após a experiência do Conexões de Saberes: relato de uma ex-bolsista <i>Juliana Assis</i>	65
Conexões de Saberes e os saberes conectados <i>Lutz Franthesco da Silva Rocha</i>	73
A vida com Conexões de Saberes <i>Patrícia Leal Coelho</i>	79
Permanências e descontinuidades <i>Rodrigo Marcos</i>	83
Ser negra em uma universidade federal <i>Sheila Manço dos Santos</i>	87
Sobre memórias, possibilidades e quereres <i>Soraya Martins Patrocínio</i>	91
Caminhadas dez anos: as trilhas da vida <i>Thalyta Botelho Monteiro</i>	95
A caminhada nunca termina. Dez anos depois do Conexões de Saberes <i>Thiago José A. Nascimento</i>	101
Conexões de Saberes, conexões de viveres <i>Walquiria Ana Soares</i>	107

NOVOS CAMINHOS DE UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR

André Lázaro

O volume 6 da *Coleção Estudos Afirmativos – Caminhadas Dez Anos Depois*, que o leitor tem em mãos, ou diante da tela, é um canto de lutas, vitórias, desafios e histórias ainda em curso. Há dez anos, uma parceria virtuosa entre o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, o Ministério da Educação e universidades federais resultou na publicação de 32 volumes que integram a *Coleção Caminhadas de Universitários de Origem Popular*,¹ cada um deles contendo ao menos 25 narrativas autobiográficas sobre o trajeto que os estudantes percorreram até chegarem à universidade.

À época, estávamos no fragor da batalha pela adoção de cotas nas universidades públicas brasileiras, com algumas instituições assumindo riscos, outras silenciando diante da injustiça de processos seletivos que excluíam legiões de jovens capazes e dispostos a aprender. Em 2006, a redação desses livros era ao mesmo tempo um ato de luta, de superação, de denúncia e de comemoração. Hoje, dez anos depois, alguns deles retornam para nos contar como tem sido o tempo vivido daquele momento até agora. Como antes, esses jovens têm muito a ensinar. Para quem duvida, basta ler as narrativas reunidas neste volume.

Na edição de 2006, os textos publicados eram parte das atividades do Programa Conexões de Saberes. O programa teve ori-

¹ É possível ter acesso às publicações em: <<http://of.org.br/categoria/acervo/publicacoes/page/2/>>.

gem nos trabalhos que o Observatório de Favelas havia realizado na Favela da Maré (localizada na cidade do Rio de Janeiro) e, posteriormente, desenvolvido em experiência-piloto com estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Devemos a Jailson Souza e a seus colegas do Observatório a proposta metodológica que ganhou adeusão de inúmeras universidades federais. Jailson, por mais de dois anos, viajou pelo país apresentando a professores, gestores, técnicos e estudantes o Programa Conexões de Saberes, que partia de premissas claras: os estudantes de origem popular devem entrar de cabeça erguida nas instituições públicas de educação superior para, entre outras atividades, levar seus saberes, fortalecer as relações entre as instituições e as comunidades de origem e questionar essas mesmas instituições quanto à sua capacidade (e também vontade e disposição) de acolher esse novo perfil de ingressantes.

A leitura das narrativas que integram este volume nos informará bastante acerca dos processos, ora sutis ora agressivos, com que preconceitos e discriminações atingem a juventude que, com imenso esforço e extraordinária dedicação, supera as condições de pobreza e alcança a universidade pública. São muitos os obstáculos, objetivos e subjetivos, enfrentados e superados por eles e elas: a transmissão geracional da pobreza e seus impactos na vida cotidiana, a escola pública que nem sempre prepara ou mesmo acredita em seus alunos, colegas que desconfiam da capacidade de seus amigos ou se sentem incomodados pela audácia e coragem que não encontram em si mesmos. Somam-se a esses fatores professores das universidades que, por preconceito, negam-se a reconhecer o direito conquistado pelos recém-chegados e profetizam fracassos para os quais contribuem decisivamente com suas profecias.

Mas não devemos ler essas histórias como se se tratassem de heróis. Essa aura lhes retiraria o que têm de mais valioso: são pessoas que apenas lutam pelo que acreditam ser seu direito, direito de sonhar, estudar, ter uma vida nova, zelar por suas famílias que tanto reconhecem como fonte de apoio e inspiração.

A brutal separação que afasta na sociedade brasileira pobres e ricos tende a gerar estereótipos que antes mantêm as distâncias do que nos ajudam a superá-las. Por isso, não são heróis, mas sujeitos de direito que, apesar das deficiências do ensino médio brasileiro, apresentam em sua trajetória escolar as características de bons pesquisadores: curiosidade, persistência, capacidade de lidar com adversidades, determinação para superar obstáculos e força para

continuar perseguindo os valores em que acreditam. Não deve ser coincidência que muitos dos que contam suas histórias seguiram os estudos em cursos de mestrado e doutorado.

A *Coleção Estudos Afirmativos* não poderia deixar de incluir as vozes de estudantes como os que assinam os textos deste volume. Se à época eles eram da ordem de centenas, hoje são milhares que, graças às lutas dos movimentos negros, de indígenas, do campo, das juventudes, de mulheres, de pessoas com deficiência, entre muitos outros coletivos, frequentam instituições de educação superior, públicas e privadas. Se eles têm muito o que aprender em suas novas trajetórias educacionais, não é menos verdade que, ao recebê-los, as instituições, seus docentes, discentes, técnicos e gestores terão oportunidade de conhecer melhor o país em que vivemos, reconhecer capacidades, saberes e potências cuja força, durante tanto tempo, o país se descuidou em acolher.

O Programa Conexões de Saberes foi incorporado ao Programa de Educação Tutorial (MEC), ganhou novos formatos (PET Conexões, Indígena, Quilombola, do Campo etc.), de modo a ampliar ainda mais sua potência e capacidade de atendimento. Tornou-se uma política cuja manutenção e desenvolvimento estão sob a guarda dos gestores, professores, técnicos e estudantes universitários.

Tive a honra de participar da criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad)/MEC² e, anos depois, assumir sua direção. Acompanhei de perto a criação e as transformações por que passou o Programa Conexões. Hoje, ao ler os textos, renovo a certeza da relevância de políticas públicas que reconheçam o protagonismo da juventude que chega às universidades, criando caminhos que fazem ao andar, como disse certa vez o poeta Antonio Machado.

Por isso, cabe, ao final, registrar alguns agradecimentos. Jailson Souza e Jorge Barbosa, do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, dedicaram-se à criação e à implantação. Eunice de Oliveira F. Santos, Rosimere Rocha e Julia Ribeiro, técnicas que, na Secad/MEC, tiveram a responsabilidade de colocar de pé o Programa Conexões de Saberes e levá-lo adiante. Também, no MEC, Ricardo Henriques, Maria Paula Dallari, João Paulo Bachur, José Henrique Paim e o Ministro Fernando Haddad deram apoio e tomaram as boas decisões para a institucionalização e ampliação do programa.

² A partir de janeiro de 2011: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi)/MEC.

CAMINHADAS DEZ ANOS DEPOIS

Agradeço a Leonor Araujo, responsável pela organização desta edição, em nome de gestoras e gestores das universidades comprometidas com a implantação do Conexões de Saberes. E, por fim, aos estudantes, que tanto nos ensinam.

PREFÁCIO

DIALOGAR SABERES E TECER VIDAS: PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES

Leonor Franco de Araujo

Nós aprendemos o que afetivamente aceitamos e não o que logicamente estabelecemos. O que efetivamente nos desloca do pré-conceito é o afeto, é a sensibilidade, é o sensível. A diferença não é pra ser compreendida, não é pra ser entendida, é pra ser sentida.

Muniz Sodré¹

Bem, eu tinha certeza que reencontrar André Lázaro seria um prazer e um rememorar de tempos em que passamos por desafios e construímos sonhos. Só não sabia que, mais uma vez, ele iria me proporcionar reviver emoções que jamais deixaram minha existência e me ensinaram muito.

É isso, o Programa Conexões de Saberes entrou na minha vida em fevereiro de 2006 e resgatou todo o sonho e esperança que já estavam adormecidos, na universidade federal pública brasileira como espaço de acolhimento à diversidade e ao diálogo com as comunidades populares e tradicionais.

Quando soube que havia a possibilidade de publicarmos um “Caminhadas Dez Anos Depois”, não perdi a oportunidade e abracei o projeto com todas as minhas unhas, dedos e recordações.

O “Caminhadas” foi uma publicação feita pelo Programa Conexões de Saberes que contava a trajetória dos/as bolsistas do programa até a chegada na universidade, escritos por eles/as mesmos. Lembro da construção dos textos, do choro de alegria e tristeza de todos/as nós quando líamos os depoimentos de toda uma vida

¹ Palestra intitulada “A ignorância da diversidade”, proferida em 05/04/2011. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/>>.

em busca da formação e necessidade de serem aceitos e incluídos nesse espaço elitista e racista do ensino superior público brasileiro.

O Programa Conexões de Saberes buscou estabelecer o diálogo entre os saberes acadêmicos e populares, realizando permanência com sucesso para alunos de origem popular que conseguiram acessar as universidades federais públicas brasileiras. Não um sucesso qualquer e capitalista, mas o sucesso que representava o reconhecimento da construção comunitária e familiar de todos/as que dele participaram. Um sucesso que não alimentava individualidades, mas sim a ideia de que ninguém ali tinha chegado por mérito ou sozinho. Havia toda uma comunidade que proporcionou oportunidades e rompeu pré-conceito e conceitos para que aqueles jovens pudessem estar naquele espaço.

Nosso trabalho era não permitir que eles/as esquecessem por que e por quem estavam ali. Era dizer a todo tempo e hora que eles/as eram referências e exemplos para suas comunidades, eram lideranças que mostravam que o espaço das universidades públicas devia ser apropriado pelas comunidades populares. O sucesso era coletivo, construído num diálogo franco, desafiador, crítico e apaixonante. Construímos juntos nossas histórias, nossas vitórias e digerimos juntos nossas derrotas, pois assim elas ficavam mais palatáveis e serviam de aprendizado, nos tornando mais fortes para enfrentar as barreiras colocadas por uma sociedade que trata o diferente como desigual.

Esse livro conta a história de alguns bolsistas do Conexões de Saberes dez anos depois do início do programa. Infelizmente, não podíamos incluir todos, porque são milhares nesse tempo que o programa se desenvolveu. Ler os relatos deles/as agora é tão emocionante quanto no “Caminhadas” original. Ver o que o programa proporcionou a esses jovens, profissionais, mestres e doutores, hoje, é saber que nosso trabalho deu resultado, se não pra todos/as, mas pra maioria deles sim.

O principal é ter a certeza de que, assim como eu, a vida de todos/as eles/as foi afetada e modificada pelo programa. Tornamos-nos mais sensíveis para os desafios da inclusão dos excluídos historicamente na sociedade brasileira. Compreendemos que Políticas de Ações Afirmativas é um dever do Estado brasileiro que negou as mesmas oportunidades a todos/as os/as brasileiros. Trabalhamos com a possibilidade sempre da construção comunitária, do ensino e da ação que respeita e aceita verdadeiramente as diversidades. Somos hoje mais democráticos, mais republicanos, mais sensíveis

e mais humildes na relação com o outro e com o diverso, pois sabemos que todo saber é fruto de vivências únicas e como tal devem ser respeitadas e valorizadas.

Espero que nosso leitor possa ser tocado por essas histórias de vida que superaram as adversidades impostas por uma sociedade elitista, racista, machista e preconceituosa. Espero que também possam ver que a questão não se resume ao mérito, mas às oportunidades, ou à falta delas, que temos durante a vida.

É uma pena que o Programa Conexões de Saberes não exista mais na sua forma original nas universidades públicas brasileiras. Hoje, mais do que nunca, em tempos de intolerância e discriminação dos diferentes, ele seria um belo diferencial para nossos alunos cotistas e de origem popular nas universidades.

Mas eu continuo acreditando, acreditando num Brasil melhor e inclusivo, porque sei que os bolsistas do Conexões de Saberes estão aí, fazendo a diferença.

“Ubuntu”, eu sou porque nós somos, diz o conceito de nossa ancestralidade africana e que norteia nossa práxis. Vida longa ao Conexões de Saberes na existência desses e dessas que aprenderam que resiliência e reconhecimento da caminhada comunitária é que nos faz fortes e amorosos.

CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES: TRAJETÓRIA DE UMA ESTUDANTE DE ORIGEM POPULAR

Alessandra Moraes Padilha Soares*

Até meados de 2005, o ingresso e a permanência de estudantes de origem popular nas universidades públicas brasileiras constituíam um grande desafio. As dificuldades iniciavam desde o momento em que o estudante optava por prestar um vestibular hiperconcorrido, já que programas como o Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) ainda não haviam sido ampliados para atender à grande demanda.

Por outro lado, os estudantes que conseguiam passar no vestibular enfrentavam problemas para permanecer na universidade, uma vez que tinham que lidar com as lacunas nos conteúdos deixados desde a educação básica, até arcar com as despesas referentes ao material didático e de consumo.

Neste contexto, o MEC/Secad, em parceria com o Observatório de Favelas, instituiu em 2004, o Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares, visando:

“(...) o fortalecimento de esforços na construção e implementação de políticas públicas baseadas no diálogo e na troca de saberes permanente entre comunidades de baixa renda, escolas e universidades, voltadas, principalmente,

* Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora Adjunta do Laboratório de Gestão de Recursos Hídricos e Desenvolvimento Regional (LabGest)/UFES.

para a democratização do acesso e da permanência, com sucesso, nos diferentes níveis do sistema de ensino público". (Ferraz, 2009, p. 10)

Para Antunes e Novais (2008), o programa representa uma oportunidade para as instituições de ensino superior, que ainda não possuem ou trabalham timidamente as Políticas de Ação Afirmativa e Inclusão Social, mostrarem que o futuro e a garantia de um ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil passam, necessariamente, pelo estabelecimento da valorização dos saberes acadêmicos e populares, proporcionando a articulação necessária para a consecução do diálogo entre a universidade e as comunidades populares.

Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), o programa foi implementado em julho de 2005, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, contando inicialmente com 25 bolsistas dos seguintes cursos: Matemática, Economia, Enfermagem, Ciências Sociais, Serviço Social, Artes Plásticas E Visuais, História, Biblioteconomia, Letras (Português), Educação Física, Psicologia e Estatística.

Em 2006, ingressei na UFES, no curso de Biblioteconomia. As preocupações eram imensas, já que o gasto com transporte, alimentação e material didático representa o pesadelo da maioria dos estudantes de origem popular. Mas, em meio ao túnel da incerteza, surge o processo seletivo do Conexões, como um escape. Com efeito, essa nova etapa trouxe grandes expectativas, pois, a cada oficina de capacitação, eu era levada a mares nunca dantes navegados, e o fato de possuir uma bolsa de iniciação científica/extensão, que quase se equiparava ao salário mínimo, trazia certa tranquilidade, já que me encontrava desempregada e precisava contribuir com a renda familiar.

Em contrapartida, fazer parte da equipe de bolsistas que atuavam em pré-vestibulares populares foi algo marcante, pois eu estava ciente de que estava lidando com o sonho de estudantes que queriam conquistar uma vaga na única universidade pública do estado. Portanto, não importava se era domingo, feriado, se fazia sol ou chuva, ali estava eu tentando compartilhar um pouquinho do meu conhecimento em Língua Portuguesa e auxiliando os demais bolsistas no planejamento e execução dos "aulões".

Desse modo, pude perceber que todo o esforço empreendido pelos que atuavam nos pré-vestibulares populares resultou não só em inúmeras aprovações em vestibulares, mas no desenvolvimento

de metodologias de ensino diferenciadas, que valorizam o diálogo e a troca de experiências.

Ainda hoje, tenho refletido se algum dia encontrarei um ambiente de trabalho que me dê tanto prazer, felicidade e satisfação. O incrível do Conexões talvez fosse o fato de que tínhamos a mesma origem, os mesmos sonhos, medos e objetivos e desafios. Queríamos estar sempre juntos e isso fazia de nós algo que extravasava até mesmo o conceito de família.

TRAJETÓRIAS PÓS-CONEXÕES

O Conexões abriu caminhos para que eu pudesse continuar no campo da iniciação científica, onde desenvolvi, por mais dois anos, pesquisas no ramo da educação e tecnologia, justamente os temas em que trabalhávamos no grupo de trabalho do Programa, em que aprendi as bases para a escrita científica.

Todas as inúmeras oficinas de capacitação de que participei, formação pedagógica, formação política, editoração, leituração, entre outras, possibilitaram o desenvolvimento de competências que foram aplicadas em outros contextos, estimulando-me a continuar aprendendo cada vez mais.

A paixão pela sala de aula floresceu, através da oportunidade que o programa me deu, seja na vivência como professora de um pré-vestibular popular, seja no conhecimento obtido com as oficinas de práticas pedagógicas; posteriormente, fiz duas especializações: arte na educação e planejamento, implementação de gestão de cursos de educação a distância. Ainda não satisfeita, decidi fazer a prova do Enem novamente, sendo aprovada para o curso de Letras (Português) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Nessa mesma universidade consegui realizar um dos meus sonhos, o de atuar no campo da pesquisa científica, onde estou há três anos como pesquisadora adjunta do Laboratório de Gestão de Recursos Hídricos e Desenvolvimento Regional (LabGest).

CONCLUSÃO

Ingressar e permanecer em uma universidade pública não são tarefas fáceis, principalmente para estudantes provenientes de escolas públicas. Contudo, as políticas de ação afirmativa constituem um elemento indispensável para a democratização do ensino.

Nesse contexto, o Programa Conexões de Saberes foi de suma importância para que eu pudesse permanecer na universidade e ajudar outros estudantes a ingressar na academia. Hoje, encontro,

pelos corredores da universidade, muitos ex-alunos que já estão no mestrado, e isso traz a satisfação de saber que nosso objetivo foi cumprido.

Por isso, o desejo de atuar na educação é de, justamente, continuar a fomentar sonhos, auxiliando, com mais efetividade, outros alunos de origem popular a ingressar na universidade, para que eles também sejam protagonistas do processo educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Kássio Carvalho & NOVAIS, Paolla Gabrielle Nascimento.

Extensão Universitária: percepção do estudante universitário da área da saúde sobre o trabalho em comunidade na perspectiva da educação popular. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Enfermagem. CCS/UFES, 2008.

FERRAZ, Bruna Tarcília. Ações afirmativas e cultura da avaliação: o Programa Conexões de Saberes em questão. In: *Revista África e Africanidades*, n 6, ago, 2009, p. 1-20.

RELATO DE TRAJETÓRIA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NO CONEXÕES DE SABERES NA UFMG

Amador da L. Moreira Filho*

Ao final do terceiro período do curso de Geografia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), passei por um processo seletivo que consistia em redação e entrevista. Foram convidados para participar alunos que se caracterizavam como de baixa condição socioeconômica, segundo dados da Fundação Mendes Pimentel (FUMP), que assiste alunos da UFMG, e que se autodeclaravam negros.

Estive no Programa Conexões de Saberes entre os anos de 2004 e 2007, como bolsista de extensão. Nos dois primeiros anos, o Conexões funcionou na Faculdade de Educação (FAE), posteriormente passou a ter como base a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH).

Falar do Conexões de Saberes é um grande prazer. Representa um importante momento na academia e, como percebi algum tempo depois, a relevância daquele momento se ampliaria para a vida fora dos muros da universidade. Alguns debates foram cruciais para a formação política e ideológica que carrego hoje. Sendo assim, recordo do Conexões sempre como referência na construção do cidadão que sou agora.

* Graduação e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Rede Municipal de Belo Horizonte. Analista de Contas na Gerência de Controle e Prestação de Contas de Subvenções na Secretaria Municipal de Educação (SMED-MG).

Foi possível perceber, logo ao iniciar o curso de Geografia, que havia muita riqueza em circular pelas outras unidades da universidade. Certamente aprenderia bastante caso o caminho escolhido fosse cursar as disciplinas optativas, possíveis de serem acessadas em qualquer unidade, conforme regulamento das graduações. Todavia, considero que tive uma grande sorte por encontrar ou por ter sido encontrado pelo Conexões. Algumas questões abordadas no Conexões não apareceriam no Instituto de Geociências (IGC) onde estudei Geografia.

Os debates propostos propiciaram, por exemplo, que a questão étnico-racial figurasse definitivamente entre minhas preocupações. Participei da criação de um grupo de trabalho, que se caracterizava também como Movimento Estudantil, formado por bolsistas do Conexões e do Programa Ações Afirmativas na UFMG. Este último, à época, coordenado pela professora Nilma Lino Gomes, atual ministra da Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial (Sepir). Denominamos este grupo de Movimento Afirmando Direitos (MAD). O objetivo era debater e dar visibilidade, a partir de um grupo composto por estudantes, as questões em torno da defesa da adoção das cotas raciais na UFMG, na época, em discussão em todo o país. Participamos de mesas-redondas em várias unidades. Destaco nossa participação em um espaço de debate criado pela Faculdade de Direito da UFMG chamado “Ágora”. Nesta oportunidade, participou da mesa o ex-Reitor da UFMG, Tomaz Aroldo da Mota Santos. O acesso das camadas populares à universidade, considerando o recorte racial, era naquele momento debate central no âmbito do enfrentamento da desigualdade social. Ainda o é hoje, mas talvez estejamos destacando agora também a qualidade. Dialogávamos muito sobre este tema.

No Conexões, fiz as primeiras leituras de Boaventura de Souza Santos, que, apesar de sociólogo, constitui-se como um dos mais importantes autores da minha trajetória acadêmica. O Conexões se propunha, inclusive pelo recorte da seleção dos bolsistas, ou seja, alunos de baixa condição socioeconômica e que se autodeclaravam negros, a reunir um grupo de universitários distinto, social e fenotípicamente, dos que normalmente acessavam os projetos de extensão ou pesquisa. Esta proposta reuniu pares e nos empoderou. Participei de congressos em diversas regiões do Brasil, publiquei artigos e participei da elaboração de pesquisas junto a grupos de juventude e de organização de congressos e seminários. Todas estas atividades sob

a valiosa orientação das professoras(es) coordenadoras(es) do Conexões: Shirley Aparecida de Miranda, Luiz Felizardo Júnior, Rodrigo Ednilson e Claudia Mayorga. Sentia que estava tendo uma formação rica. Nascia a expectativa de entrar para o mestrado.

Encerrei minha trajetória no Conexões de Saberes quando este foi ligado institucionalmente à FAFICH em meados de 2007. Neste período, já estava encerrando o curso de Geografia. Sentia que era momento de buscar outros ares dando oportunidade para que outro estudante também experimentasse as vivências proporcionadas pelo Conexões.

Prestei concurso para o cargo de professor da rede municipal de Belo Horizonte logo no início de 2008. Seria nomeado no final de 2009. Também no final de 2009, fui aprovado para o mestrado na área de concentração Organização do Espaço, no IGC da UFMG. Era uma conquista significativa e estava claro que a minha formação ampla, de alcances para além do campo geográfico, e em grande medida proporcionada pela participação no Conexões, contribuiria bastante. Desta forma, iniciava o mestrado em Geografia no primeiro semestre de 2010.

Pesquisei o que chamei de interpretação da cidade feita a partir da leitura dos operários da construção civil. Anteriormente, afirmei que iniciei no Conexões as leituras de Boaventura de Souza Santos. A pesquisa que propus buscava fazer o diálogo entre a teoria do pensamento abissal de Boaventura e um tema caro à ciência geográfica que é a cidade. O autor faz uma sólida crítica à ciência moderna, defendendo que ela se distancia da sociedade e de outras formas de conhecimento ao se proclamar detentora exclusiva da produção de conhecimento válido.

Felizmente, novamente considero que tive sorte. Encontrei no IGC o professor Cássio Eduardo Viana Hissa. Rara figura, que vislumbra diálogos possíveis e necessários em campos fora de seu campo científico aparentemente imediato de atuação, fora do seu “território disciplinar”, como o próprio costuma dizer, para criticar a rigidez dos campos científicos, isolados, voltados para si mesmos, sem se dar conta da riqueza existente na interlocução, ignorando o mundo de saberes para além dos “territórios disciplinados”. Nestes termos é que o professor Cássio se refere tanto à transdisciplinaridade na ciência como do diálogo dela com os “outros saberes”. Como estudou em seu pós-doutorado com Boaventura de Souza Santos, os textos e as aulas do professor Cássio naturalmente mantinham diálogos com a teoria do referido autor. Assim, havia encon-

trado um interlocutor valioso e que influenciou e contribuiu muito como orientador da minha pós-graduação.

Defendi minha dissertação em 2012 e devo dizer que tenho orgulho do trabalho que desenvolvi. Devo citar ainda que a dissertação foi indicada pelo IGC/UFMG ao Prêmio Anpur de Dissertações, edição 2013.

Neste período, já lecionava geografia na Rede Municipal de Educação. Logo no final de 2010, assumi a coordenação pedagógica da escola em que trabalhava. Em 2011, concorri ao cargo em comissão de vice-diretor desta mesma escola. A chapa que integrava foi eleita pela comunidade escolar para um mandato de três anos, a iniciar em 2012.

Este foi um período exaustivo, porém bastante rico. Foi possível perceber o quanto a formação para além da ciência geográfica, devida em grande medida à participação no Conexões de Saberes, foi importante para direcionar projetos pedagógicos e professores em temas centrais como gênero, valorização dos saberes da comunidade local e relações étnico-raciais. Este último, inclusive, previsto na Lei nº10.639, de trato obrigatório, mas que carece de pesquisa e preparo que infelizmente não observo na maior parte do corpo docente da rede em que trabalho. Devo acrescentar que a Gerência Pedagógica da SMED-MG se esforça para que o tema seja efetivamente trabalhado, mas ainda estamos longe de realizar o que determina a lei.

Encerramos o mandato da direção da escola em 2014. No início de 2015, fui convidado a integrar a equipe da Gerência de Controle e Prestação de Contas de Subvenções da SMED-MG. Trata-se da gerência que verifica as contas dos Caixas Escolares, que são entidades privadas de direito público. Em outras palavras, é a entidade jurídica de cada escola municipal para que ela se habilite juridicamente a receber os recursos públicos de custeio. É um trabalho diferente. Encaro neste momento como um desafio. Devo confessar também que fiquei um tanto decepcionado com as condições de trabalho na sala de aula e com a desvalorização da carreira do magistério, sobretudo no nível básico. Não significa que não gosto de dar aulas. Desconfio que minha realização profissional está mesmo na sala de aula. Pretendo fazer concursos para lecionar em institutos federais. Pode ser que assim eu encontre melhores condições de trabalho. Há expectativa de continuar estudando, fazer o doutorado. Assim sou, depois do Conexões, feliz com as “Caminhadas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- MOREIRA FILHO, Amador da L. *et al.* Universidade pública e comunidades populares: representações, identidade e poder. In: SILVA, Jailson de Souza e; BARBOSA, Jorge Luiz; e SOUZA, Ana Inês (Orgs.). *Comunidades populares e universidade: olhares para o outro*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Pró-reitoria de Extensão, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

TRILHANDO NOVAS ESTRADAS E DESBRAVANDO CAMINHOS. PROJETO CAMINHADAS, DEZ ANOS DEPOIS!

Catia Avelino*

*Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.*
Paulo Freire

Quando fui convidada a revisitar o Projeto Caminhadas, muita coisa se passou em minha memória, o tempo de estudo para a universidade, as dificuldades da caminhada, a solidão da batalha, já que minha família não tinha noção daquilo que estava almejando nem o caminho que deveria trilhar. Eu, como muitos que participaram do projeto, fui a primeira em minha família a ingressar em uma universidade e para todos eles isso era quase um milagre, algo inimaginável, a filha de uma cabeleireira solteira com um mecânico semianalfabeto ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais.

Lembro-me da batalha do vestibular, na verdade só fui aprovada na quinta tentativa, a chegada no *campus*. A universidade parecia tão grande e eu tão pequena, todos bonitos, arrumados, e pareciam tão inteligentes... eu me sentia uma intrusa, deslocada, incapaz, e sozinha.

Eu era tão diferente, com minha negritude insolente e minhas tranças atrevidas, naquele lugar, que na primeira semana que estava na universidade tiraram minha foto e colocaram em uma publicação da Federal para retratar a universidade inclusiva e a democratização racial... uma piada!

* Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Teologia pelo Seminário Batista do Estado de Minas Gerais (SEBEMGE). Idealizadora do Projeto “Africa”.

Já no segundo período, conheci o Conexões de Saberes, lembro-me que quando cheguei para a primeira entrevista já me senti bem, o professor que iria me entrevistar era negro de tranças, como as minhas, e me senti naquele momento representada e segura, ao descobrir que naquele lugar havia outros “intrusos” como eu.

O Projeto Caminhadas foi um projeto desenvolvido dentro do Conexões de Saberes, que retratava a trajetória de estudante de origem popular à universidade pública. A proposta era uma viagem ao passado, escrever sobre nossa trajetória acadêmica desde o jardim até a entrada na universidade. Revisitar essa trajetória me conduziu a problematizar meu passado, me abrindo portas para que fosse possível conquistar um futuro.

Lembro que escrever sobre minha trajetória foi mais complexo do que imaginei no primeiro momento, era necessário que o passado fosse relembrado e escrito, e esse processo iria ser impactante, muito mais do que eu esperava ou planejara, pois nunca antes tinha pensando sobre a minha historia, estava mais focada em sobreviver do que em problematizá-la.

Para que minha escrita fosse a mais legítima possível, comecei a juntar diplomas e informações referentes ao meu histórico escolar, desde a infância até a entrada na universidade.

Lembrei das vezes em que fui para a escola com fome, pensando na merenda, porque não tinha o que comer em casa, das vezes que, aos 8 anos, não podia estudar, porque já trabalhava e o cansaço não me permitia avançar, das vezes em que a turma olhava para meu cabelo bagunçado ou para o uniforme amarrrotado e me julgava desmazelada, sem saber que no auge dos meus 8 anos eu cuidava da casa desde os 5 anos, além de um bebezinho de 1 ano, enquanto minha mãe trabalhava de dia e de noite para pagar o aluguel e nos proporcionar o básico para sobrevivermos.

No princípio da minha escrita, fui impactada com o primeiro choque, eu tinha sido reprovada, rejeitada e desmotivada desde a primeira série no ensino fundamental, tive quatro reprovações da primeira série até a quinta, quando finalmente abandonei os estudos para continuar trabalhando em casa de família, o que já fazia desde os oito anos.

A grande questão é que, apesar de ter vivido tudo aquilo, e ter prosseguido e até vencido, eu nunca tinha pensado sobre tudo isso, nem me permitido experimentar a dor da solidão de ter vivido uma invisibilidade total nas escolas por que passei, ou o peso do desprezo e da incompreensão dos professores que simplesmente me

julgavam burra ou incapaz e sequer tentavam me auxiliar em meio a tudo isso; no processo de escrita do Projeto Caminhadas, toda essa dor veio à tona.

Lembro que me sentia, em meio a tudo isso, uma completa idiota e incapaz, uma burra, afinal, com quase 17 anos mal sabia ler e escrever, não sabia os cálculos fundamentais, era uma verdadeira analfabeta funcional, e o pior, dessa triste realidade que eu vivi e muitos ainda vivem, é que me sentia responsável por toda a minha ignorância, era uma reproduutora convincente dos discursos políticos de que todos tinham acesso à educação e que uns eram mais capazes que outros, ou que se esforçaram mais e que por isso muitos venciam e eu não. Ou seja, tudo era uma questão de mérito e eu não tinha me esforçado o bastante... era só isso!

Essa “verdade” estava tão interiorizada em mim, que eu era completamente contra as cotas e qualquer outro modelo de ação afirmativa, com o objetivo de amenizar desigualdades sociais, econômicas e educacionais de grupos minoritários. Na verdade, me sentia até mesmo ofendida com tal possibilidade, achava que ninguém precisava fazer nenhum favor para mim e que eu era capaz de mostrar meu valor e não precisava da ajuda de ninguém.

Não compreendia que estudar, me formar, ter uma educação de qualidade, que me havia sido negada a vida toda, era um direito garantido por lei e, portanto, eu deveria usufruí-lo, e que esse conceito de meritocracia era injusto e amoral em uma sociedade em que os indivíduos não possuem direitos para concorrer de forma igualitária às oportunidades estudantis e mercadológicas.

No Conexões de Saberes compreendi melhor esses conceitos e conheci importantes autores como Pierre Bourdieu, Paulo Freire, Jailson Souza e Silva, Nilma Lino Gomes, entre outros, que me ensinaram a refletir sobre diferentes questões e entender o mundo ao meu redor, a respeitar a diversidade de gênero e sexo, a construir argumentos válidos para minhas propostas, fossem elas acadêmicas ou para a vida, me capacitando a pesquisar, a questionar, a acreditar, a ousar e construir caminhos onde não existia outrora nem mesmo uma direção.

Lembro que nossos coordenadores nos traziam projetos e propostas que eram irreais diante de nossas capacidades, mas eles acreditavam e cabia a nós também acreditar, pois eram disponibilizados cursos, conselhos, estrutura tecnológica e psicológica, orientação e nós nos sentíamos livres para sonhar, fortalecidos para lutar e amparados para alçar voos maiores.

Quando finalmente obtivemos nossa própria sala na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), sentíamos como se estivéssemos sonhando, minha casa não tinha computador, nem livros ou sequer um espaço adequado para meus estudos, mas no Conexões tínhamos nossa própria sala! Além de computadores, livros e toda a estrutura para o nosso desenvolvimento.

Foi no Conexões que descobrir o que era um e-mail, antes eu era analfabeto funcional, na faculdade havia me tornado analfabeto tecnológico...mas na nossa sala tínhamos toda uma estrutura para estudar, construir artigos, pesquisar, discutir projetos e até lanchar...era nosso lugar seguro. Lugar de trabalho, construção de saberes, lugar de desenvolvimento e aceitação.

Dez anos se passaram! Inacreditável que o tempo passou tão rápido e tanta coisas aconteceram, me graduei em História, realizei meu grande sonho, que foi nossa família comprar o primeiro apartamento, tornei-me uma pessoa habilitada e comprei meu primeiro carro, um fusca 80; hoje, um Uno 96.

Meu irmão caçula começou um curso de analista de sistemas na PUC e se formou, casou, também comprou sua casa própria e seu carro e hoje trabalha em uma promissora empresa de tecnologia de informação. Meus dois outros irmãos, que tinham abandonado a escola, voltaram a estudar e formaram o ensino médio.

Percebo que o fato de eu ter ingressado em um curso superior motivou-o a estudar e igualmente a almejar uma melhor formação e um futuro melhor. Acredito que minha aprovação na Federal fez com que minha família passasse a acreditar que sonhos podem se tornar realidades e historias podem ser reescritas e até mesmo finais felizes são possíveis.

Mas, de todas as realizações mencionadas, a mais importante na minha vida, nesses últimos anos, foi o desenvolvimento do meu sonho, chamado Projeto África. Sempre foi meu ideal atuar de forma a transformar a realidade das pessoas, e descobri na educação uma poderosa ferramenta que possibilitaria essa transformação.

O Projeto África tem por objetivo capacitar e auxiliar o desenvolvimento de povos africanos por meio da educação e da valorização da vida e do ser, atuando em parceria com o Projeto Transformação.

O Projeto Transformação, sediado em Guiné Bissau, foi idealizado por Gustavo Lima Silva, mestre em Física formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cujo objetivo é implantar e estruturar uma escola técnica, em Gabu, para o ensino profis-

sionalizante, com cursos voltados para as necessidades locais, em diversas áreas de atuação.

O projeto atua nas áreas da educação, saúde, tecnologia e serviço, além de planejar futuras intervenções na área da agricultura, como hortas comunitárias, e o processamento e beneficiamento da fruta e da castanha do caju (fruta típica da região), e realizar projetos na área da infraestrutura, como perfuração de poços artesianos, ações para implantação e melhoria do saneamento básico e uso de fontes alternativas de energia.

Focada nesses objetivos já estive quatro vezes no continente africano, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Senegal, disponibilizando treinamento gratuito a professores nativos, que muitas vezes possuem a prática, mas não têm formação acadêmica ou um curso de magistério para exercer sua função. Apenas responde à necessidade da comunidade.

O projeto também apoia imigrantes africanos que estão no Brasil, auxiliando-os quanto aos seus direitos, direcionando-os a cursos, conduzindo-os a algum tipo de formação escolar e profissional. Na verdade, muitos deles mal possuem o segundo grau, ou algum certificado profissional, e tendo muitas dificuldades a se adaptar à nossa cultura.

Atualmente, o Projeto África atua principalmente em Guiné Bissau (o país está entre os dez mais miseráveis do mundo) e São Tomé e Príncipe, países de língua portuguesa. O projeto ainda é bastante novo e tem muito caminhos a trilhar e muitas barreiras a vencer.

Na verdade, mais que um projeto é um sonho! Em uma das últimas viagens, construímos uma biblioteca em uma comunidade que não possuía contato com livros, doamos várias obras, entre livros didáticos e literatura infantil, foi ministrado um curso de qualificação profissional com a participação de psicólogos e pedagogos voluntários brasileiros e a comunidade participou ativamente. Atualmente, grupos no Haiti solicitaram participar do projeto e almejaram que os cursos fossem ministrados em algumas escolas do país.

É complicado terminar esse artigo, porque, após rever toda essa história, não parece um término e sim um começo, pois, olhando para a jornada vencida, percebo que tenho tanto ainda a caminhar, a fazer, a trilhar, tantas histórias para serem transformadas e tantas oportunidade de me recriar, reinventar, insistir, teimar, conquistar. Tenho em mim a ânsia, a inquietude de permanecer a caminhada. Que venham os próximos dez anos!

CORPO MOLHADO DE HISTÓRIA

Cleberson de Deus Silva*

Algumas dessas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego com o corpo molhado de história, de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados, mas não desfeitos, de saudades de meu mundo, de meu céu, das águas mornas do Atlântico, da língua errada do meu povo, língua certa do povo (...).

Paulo Freire

Como negar a minha história, que fala o que fui, quem sou, como vejo e situo-me no mundo? De alguma maneira, indica o porquê de certas indagações e interesses na vida pessoal e acadêmica. Creio que, ao ler este breve relato, poderá ajudar o leitor a entender um pouco as minhas motivações pessoais, políticas, científicas e como o Programa Conexões de Saberes marcou profundamente minha trajetória de vida.

Filho de uma doméstica e de um estivador do município de Cachoeiro de Itapemirim, que apenas conseguiram concluir a quarta série, fui o primeiro da família a cursar o ensino superior. Quantas gerações se passaram até chegar a mim e nenhum deles pôde prosseguir os estudos! Bem, pelo menos esse ciclo de desigualdades educacionais sem relação a minha família, retroalimentadas, segundo Pierre Bourdieu (2004), pela reprodução das violências simbólicas, sofreu um abalo com minha entrada!

Como era de se esperar, a vida no curso de Serviço Social não foi fácil nos primeiros semestres, devido à falta de dinheiro. No terceiro semestre, consegui passar no processo seletivo do Programa Conexões de Saberes. Sendo bolsista, a situação melhorou consideravelmente. Para localizar o leitor, este programa do governo federal tinha (digo tinha, porque, apesar de ainda existir, o Conexões de

* Assistente Social em Vitória (ES).

Saberes foi modificado drasticamente, estando agora vinculado aos Programas de Educação Tutorial) como objetivo principal intensificar o debate sobre o acesso, a permanência e o sucesso de alunos de origem popular nas universidades públicas. No ano de 2007, chegamos a ser mais de 60 bolsistas de diversos cursos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Era muito interessante essa “conexão” com diversos saberes acadêmicos e populares das comunidades localizadas na Grande Vitória onde eram desenvolvidas as atividades de extensão.

Nesse período, tive a oportunidade de escrever com quatro amigas o primeiro artigo científico e participar de encontros locais e nacionais que problematizavam as desigualdades na educação superior. A propósito, foi nesse programa que aconteceu minha primeira aproximação com a temática étnico-racial voltada para população negra. Vale lembrar também que para obter o título de bacharel em serviço social, precisei produzir uma monografia, então, decidi estudar “O papel da gerência de raça na implantação das políticas afirmativas para negros no município de Vitória”. Tema muito incohórum e impopular de se investigar, em um curso onde é bem-visto o graduando que estuda políticas de assistência social, previdência, assistência estudantil, movimentos sociais, saúde, entre outros.

Daí em diante, o interesse pela temática de acesso, permanência e sucesso de alunos de origem popular e/ou negros ao ensino superior não deixou de povoar minha mente como possíveis objetos de pesquisa acadêmica. Fato concretizado ao eleger a política de cotas da UFES como principal objeto de investigação no mestrado. Bem, nem contei, decidi em 2012 realizar o processo seletivo para o Mestrado em Educação pela segunda vez. Obteve aprovação com a dissertação *“Também queremos falar: representações sociais de alunos do ensino médio acerca da política afirmativa de cotas da UFES”*.

Por que ensino médio? Foi nesse período da adolescência que conheci a UFES através de conversas com uma professora de História. Quantos alunos da rede pública de ensino estadual ainda não conhecem essa instituição? Por isso, decidi também lecionar e tentar fazer a diferença na vida de muitos alunos. Nada de resignação! Não pretendo esquecer minhas origens e quero continuar, cada dia mais, mesmo que de forma ínfima, a contribuir para que outros jovens também cheguem ao ensino superior.

Entretanto, a todo momento somos bombardeados por mensagens recheadas de ideologias individualistas, fatalistas, que

encantam, ao mesmo tempo que cegam, insensibilizam o nosso agir político no mundo. Nessas horas, recordo-me dos diálogos e das experiências reais de conexistas que destoam completamente desses discursos meritocráticos sem base real e material. Poderia dizer que são tentativas de inversão da realidade, fenômeno denominado por Karl Marx de ideologia. Diante desse cenário político, percebo a importância de fortalecer e difundir o esforço coletivo na luta pela democratização do ensino superior.

Sem dúvida, a bolsa de estudos ajudou-me muito para a manutenção na UFES, mas a contribuição do Conexões de Saberes, como você leitor pode perceber, extrapolou a esfera material e tomou uma dimensão na minha caminhada aqui nessa terra que nenhum texto, por mais extenso que fosse, não daria conta de descrever o que significou em minha existência a passagem por esse programa.

Atualmente, trabalho em um bairro popular da cidade de Vitória como assistente social. Agora tenho como meta acadêmica terminar a licenciatura em Ciências Sociais e começar a lecionar no ensino médio, no ensino superior e cursar, em um futuro breve, o doutorado. Como consequência, pretendo passar em um concurso público e continuar onde estiver com minha família se envolvendo e deixando se envolver em projetos sociais.

Gostaria de aproveitar esse momento e agradecer à professora Leonor Araujo, Cléber Carminati e a todos os amigos bolsistas. Aproveitar também para homenagear nossa amiga Ivoneide (Neide), que se foi, mas deixou muitas saudades por sua alegria e perseverança. Não poderia esquecer da professora Maria Aparecida S. C. Barreto (Cida), que há dois anos faleceu quando estava orientando-me no mestrado. Sempre alegre, otimista, acolhedora e amorosa. Atributos que desejo cultivar no meu viver enquanto estiver aqui nesse mundo. Muito agradecido a Deus pela oportunidade de ter participado do programa Conexões de Saberes UFES!

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- SILVA, C. D. “Também queremos falar”: representações sociais de estudantes de ensino médio acerca da política afirmativa de cotas da UFES. Dissertação de Mestrado em Educação. UFES, 2014.

E SIGO A CAMINHAR: OS PASSOS DADOS APÓS O CONEXÕES DE SABERES NA UFES

Elaine Dal Gobbo*

O COMPREENDER O OUTRO

Aos 14 anos, na oitava série, tomei uma decisão muito importante na minha vida: ser jornalista. Contudo, a realização desse sonho seria incompleta se o curso de Jornalismo não fosse feito na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em 2003, atingi meu objetivo. Aprovada no vestibular, ingressei no curso que eu queria, na universidade que eu queria. Nos meus cinco anos de academia, vivi intensamente a vida universitária: pesquisa, extensão, movimento estudantil, congressos e por aí vai. Porém, certamente, dos projetos dos quais participei, o Conexões de Saberes foi o que mais me marcou.

Uma das contribuições que o Conexões deu para a minha vida foi me fazer entender o comportamento de muitas pessoas com quem convivo, principalmente familiares. Entre os muitos debates que eram feitos nas atividades do programa, estava o da importância das referências para que os moradores de comunidades populares pudessem almejar ingressar na universidade. Mas o que isso tem a ver com minha família? A resposta é simples: por falta de referências, a maioria dos meus familiares sequer sabia o que era uma universidade. Diante dessa realidade, todos os meus esforços para

* Graduação em Jornalismo e Especialização em Gestão Estratégica de Marketing pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Foi bolsista de extensão do Programa Conexões de Saberes, de 2005 a 2007, integrando a Equipe de Comunicação.

passar no vestibular eram incompreendidos e, portanto, criticados, gerando conflitos.

Logo, o Conexões proporcionou a mim compreender que essa situação é fruto da desigualdade social, inclusive repensando meu comportamento discriminatório e incompreensivo em relação às pessoas que, ao contrário de mim, não tiveram acesso à informação sobre o que é a universidade, como ingressar nela, entre outras questões. Isso, é claro, faz de mim, hoje, uma pessoa melhor. Contudo, reconheço que preciso mudar muito ainda, mas continuo a caminhar na estrada da mudança.

O compreender o outro também se faz mais presente em mim hoje ao entender as especificidades das minorias. Antes do Conexões de Saberes não sabia sequer o que eram políticas públicas de ação afirmativa. Atualmente, comprehendo que determinados grupos, como negros, homossexuais, mulheres, entre outros, vivem realidades específicas e, por isso, precisam de políticas públicas igualmente específicas. Entendo, inclusive, que dentro de cada um desses grupos há realidades diversas, por exemplo, a situação da mulher branca não é igual à da mulher negra, que por ser negra sofre mais com a discriminação e a exclusão do que a de pele clara. Hoje, seja nas conversas informais entre amigos e familiares ou nos espaços de discussão política são essas ideias que defendo como forma de contribuir para a reflexão sobre o tema, sem imposição, assim como o Conexões contribuiu para a minha mudança de pensamento.

FORMAÇÃO POLÍTICA

Por falar em espaços de discussão política, certamente o Conexões de Saberes, com todos os debates que proporcionava por meio de oficinas, eventos e da aproximação com os movimentos sociais e pré-vestibulares populares, que sempre foram muito bem-vindos no projeto, contribuiu para a profissional que sou hoje.

Atualmente, trabalho na Secretaria de Comunicação e Divulgação do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos Bancários do Espírito Santo (Sindibancários). Toda a experiência vivida no Conexões de Saberes auxiliou para que eu adquirisse a formação política exigida pela minha atuação profissional. Por meio da minha profissão, entre as tarefas que cumpro, estão as de utilizar a comunicação como meio de mobilização da categoria bancária e também levar informações e reflexões que a grande mídia não traz ou mostra de maneira distorcida em virtude de seu compromisso com determinados grupos políticos e econômicos. E, certamente, os debates

possibilitados pelo Conexões de Saberes contribuírem muito para que eu possa executar o meu trabalho de maneira profícua.

CAMINHANDO RUMO AO MESTRADO

Neste momento, estou me preparando para o processo seletivo do mestrado em Comunicação & Territorialidades, do Departamento de Comunicação da UFES. Meu projeto é sobre como a comunicação da Pastoral Operária participou da mobilização da classe trabalhadora na década de 80 no Espírito Santo. Meu objeto de estudo será o informativo *Ferramenta*, por ter sido o principal dessa pastoral na época.

Posso dizer com firmeza que o caráter interdisciplinar do Conexões de Saberes, que me possibilitou, por exemplo, a participação em oficinas de prática pedagógica, apesar de eu não ser aluna de cursos de licenciatura, permitiu que eu adquirisse conhecimentos que vão além daqueles da área da comunicação e que, agora, serão aplicados no projeto de mestrado que pretendo desenvolver. Nele, unirei conceitos da comunicação e da pedagogia como alguns instrumentos para compreender o trabalho desenvolvido pelo informativo que é meu objeto de estudo.

Alguns desses conhecimentos são extraídos do pensamento de Paulo Freire, bastante mencionado nas oficinas de prática pedagógica do Conexões de Saberes. Para Venício Artur de Lima (1981), Freire define a comunicação como um processo de interação que ocorre entre sujeitos em diálogo e defende que o conhecimento é elaborado mediante relações de transformação entre o homem e o mundo, implicando a reflexão e a ação, sendo a comunicação sua práxis, compreendendo uma dimensão política pautada na igualdade entre os seres humanos e na justiça social. Não há, portanto, conhecimento sem comunicação entre os sujeitos. Essa comunicação, para Paulo Freire, não ocorre sem que esses sujeitos sejam igualmente livres, devendo um reconhecer o outro como alguém capaz de participar das decisões que afetam a si e ao outro numa relação social de igualdade. Quando a reciprocidade entre os sujeitos não acontece, a comunicação dá lugar à dominação. (Lima, 1981)

Lima também salienta os aparentes paradoxos do conceito de comunicação em Freire e destaca a impossibilidade de diálogo entre antagonistas. Segundo Lima, Paulo Freire afirma que os oprimidos libertam a si mesmos e a seus opressores e que não existe possibilidade de diálogo entre oprimidos e opressores. Lima questiona como os oprimidos podem libertar os opressores sem que haja diálogo

entre ambos. A saída, segundo ele, com base nas ideias de Freire, está na tomada do poder por parte dos oprimidos, já que, impossibilitados de oprimir, os opressores são libertados, apesar de não terem consciência disso. (Idem)

Paulo Freire, ainda segundo Lima, diz que o conhecimento implica a reflexão e a ação, e a comunicação deve compreender uma dimensão política pautada na igualdade entre os seres humanos e na justiça social. Essa dimensão está bastante presente no informativo *Ferramenta*, uma vez que um de seus focos era o estímulo ao movimento sindical combativo e à formação de lideranças. Esses dois elementos correspondem à ação, um dos pilares do conhecimento, junto com a reflexão, que é notória na proposta de levar a classe trabalhadora a pensar sobre sua realidade, entender o porquê de sua situação. Quanto à impossibilidade de diálogo entre antagonistas, a assimilação dessa ideia é visível no fato de que o *Ferramenta* era um informativo feito pela classe trabalhadora para a classe trabalhadora, possibilitando o diálogo entre oprimidos.

Esse diálogo como forma de libertação fazia-se presente também no Conexões de Saberes/UFES por meio das atividades junto às comunidades populares. Nelas, os estudantes de origem popular, que vinham dessas comunidades, dialogavam com os moradores dos bairros por meio de oficinas e outras iniciativas. Tais iniciativas, segundo a professora do Departamento de História e ex-Coordenadora do Conexões de Sabere da UFES, Leonor Araujo, em minha monografia “Plano de Comunicação Organizacional para o Programa Conexões de Saberes/UFES” (2008), não tinham um caráter assistencialista, tendo como alguns objetivos oferecer meios de expressão e vias de organização de reivindicações, buscando, por exemplo, fortalecer associações de moradores e pré-vestibulares populares. Além disso, transmitir conteúdos de direitos humanos, cidadania, leituração, entre outros.

FUTUROS PASSOS

Segundo os Anais do II Seminário Nacional do Programa Conexões de Saberes, ocorrido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2006, o Conexões tem como objetivo proporcionar a permanência dos estudantes de origem popular nas universidades federais.

Como um de meus projetos futuros é atuar no magistério superior, certamente serei uma professora que defenderá as políticas de ação afirmativa nas instituições de ensino, tanto para o ingresso

quanto para a permanência dos estudantes de origem popular, buscando contribuir para uma universidade mais plural. Além, é claro, de desenvolver iniciativas que vão ao encontro de um outro grande objetivo do Conexões, também evidenciado nos anais, que é aproximar as instituições de ensino das comunidades populares.

Portanto, o Conexões de Saberes estará sempre presente na minha vida, não só nas minhas memórias, mas também nas minhas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Anais do II Seminário Nacional do Programa Conexões de Saberes. Brasília, 2006.
- DAL GOBBO Rodrigues, Elaine. Plano de Comunicação Organizacional para o Programa Conexões de Saberes/UFES. Monografia de Graduação em Comunicação Social/Jornalismo. UFES, 2008.
- LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CAMPONÊS EDUCADOR

Ezequiel Antonio de Moura*

Há quase dez anos, em uma viagem de bicicleta, ao longo de 35 dias de férias, minha bicicleta me levou por muitos lugares, passei por experiências diversas. Durante esta “pedalada de um estudante de origem popular”, escrevi um texto intitulado “Identidade Camponesa” que veio a compor um capítulo do livro *Caminhadas de estudantes de origem popular*, enquanto eu participava do Projeto Conexões de Saberes na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Neste livro, descrevo um pouco da minha trajetória de vida até chegar à universidade, minha relação com o campo, meu compromisso com o povo e minha ousadia em buscar uma formação superior sem abandonar minha identidade camponesa. Entrei na universidade pública por muita ousadia, tendo em vista a elitização da educação superior no Brasil.

Decidi fazer Biologia na UFSC, mas na época não existia qualquer política de cotas e eu sabia do elevado custo de vida em Florianópolis. Passei no vestibular e logo batalhei para conseguir uma vaga na Casa do Estudante Universitário. Conseguir e foi fundamental para que eu pudesse ter a tranquilidade para conduzir meus estudos e participar de diversos projetos. Não teria condições de permanecer na universidade se não conseguisse condições para

* Camponês, Educador, Biólogo e Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR)/Campus Paranaguá.

isso ou ao menos não teria me dedicado suficientemente ao curso se tivesse que ter um emprego concomitante à universidade para pagar aluguel e outras despesas. As bolsas que eu tive (de extensão, ações afirmativas, permanência, iniciação científica, estágio supervisionado e de projetos específicos) proporcionavam um dinheiro para as despesas mínimas do cotidiano.

Historicamente, a UFSC sempre se caracterizou por um perfil elitista de seus alunos ingressantes, principalmente em cursos de maior prestígio social. Sempre foi difícil conviver em um ambiente universitário elitizado e participar do Conexões de Saberes poderia ter sido uma experiência diferente da lógica universitária elitista. Contudo, a forma como o programa foi implementado na UFSC explicitou todas as contradições do sistema universitário tradicional. Foi conduzido de modo hierárquico e não permitiu, muito menos incentivou, o protagonismo dos estudantes. O Conexões de Saberes tinha o potencial de iniciar nesta universidade discussões a respeito da democratização do acesso ao ensino superior, mas na UFSC – até quando fui bolsista – este programa não estava envolvido nessa discussão. A UFSC era tão elitizada na época, que em uma seleção para preencher 30 vagas de bolsas, poucos foram os inscritos e apenas 25 estudantes seriam considerados de “origem popular”, de acordo com os critérios estabelecidos. Isso mostrava a elitização da universidade e tornava explícita a necessidade de democratização do ensino superior na UFSC, mas não havia preocupações em discutir o cerne de um problema institucional.

Há exatamente dez anos,¹ iniciava-se uma greve na UFSC, que – muito mais do que o Conexões de Saberes – mudou a maneira de eu me ver na universidade. Foram as atividades de greve de 2005 que me fizeram sair da condição de (apenas) universitário para ser um estudante politizado, militante, sonhador, articulador, sem perder minha essência de camponês. A partir da greve de 2005, passei a conhecer mais a universidade e suas múltiplas possibilidades. No momento em que escrevo este texto também estou em greve, mas agora em outra condição, agora não mais como estudante e sim como professor de uma instituição federal de ensino. O que me conduziu a esta condição atual não foram as notas em disciplinas ou o desempenho acadêmico, mas sim as experiências fora do currículo, na maioria das vezes até mesmo fora da universidade. Depois da greve de 2005,

¹ Escrevo este texto em setembro de 2015, em um período de greve da instituição onde trabalho. Estou vivendo situações muito semelhantes às da greve de 2005, quando era estudante e refletia sobre a elitização das instituições federais de ensino.

passei a elaborar meus próprios projetos, muitas vezes conseguindo bolsas para trabalhar com o que eu queria, como um projeto de pesquisa na minha cidade de origem e outro em uma área verde da UFSC em interface direta com uma área de periferia de Florianópolis. Também passei a cursar disciplinas em outros cursos da universidade e tenho no histórico escolar de graduação uma trajetória acadêmica que passa por praticamente todos os Centros da UFSC.

Participei de muitos eventos, como ouvinte e apresentador de trabalhos resultantes dos projetos que realizava, inclusive em outros países, como, por exemplo, um Congresso de Etnobiologia em Cuzco (Peru) e um Encontro em Buenos Aires (Argentina). Além das aulas, projetos, eventos e outras atividades acadêmicas, eu tive experiências que me fizeram crescer enquanto ser humano, por exemplo, os Estágios Interdisciplinares de Vivência em Movimentos Sociais Camponeses, dos quais participei da organização por vários anos. Fiz parte de organizações políticas não partidárias e de cursos de formação política que proporcionaram grandes aprendizados. Fui à Amazônia por meio do Projeto Rondon que, independentemente das contradições internas do programa – já conhecidas *a priori* –, proporcionou um contato com uma realidade completamente diferente da que estava habituado no Sul do país.

Participei de uma série de oficinas e de outras atividades sobre manejo comunitário de biodiversidade em Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, que agregaram muito conhecimento e habilidade para trabalhar com agricultores. Por meio deste projeto tive contato e passei a me envolver profundamente com uma comunidade de agricultores e pescadores artesanais em Imbituba – SC. Outra vivência fundamental em minha formação foi a relação com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Em texto anterior, relatei que durante a greve de 2005 tive o primeiro contato com este programa, por meio do qual pude conhecer alguns assentamentos em Passos Maia/SC. Desde a primeira visita neste município, chamou-me a atenção o Assentamento Zumbi dos Palmares, onde acabei desenvolvendo, mais tarde, meu trabalho de conclusão de curso.

Em 2009, quando foi aprovado um novo projeto do Pronera pela UFSC, de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em nível de ensino médio, fui requisitado para atuar como professor de Biologia. Encarei o desafio das aulas de Biologia, mesmo sem cogitar a possibilidade de ser professor até então. Ao mesmo tempo, houve o convite para fazer uma especialização em ensino em escolas do

campo, também pelo Pronera. Topei mais este desafio e dentro de pouco tempo, com base nos acúmulos teóricos e metodológicos da especialização, passei a fazer parte da coordenação pedagógica do curso de EJA Médio que também atuava enquanto educador de Biologia. Para completar o envolvimento com o Pronera, fui também convidado para orientar alguns trabalhos de conclusão de curso e participar de bancas de avaliação no curso técnico em Agroecologia do Pronera, também coordenado pela UFSC.

O envolvimento com a educação foi tamanho que, ao final da licenciatura, dos cursos do Pronera, da vida universitária, surgiram muitas possibilidades de seguir nesta área. A princípio, atuei um tempo como tutor em um curso de especialização em ensino de ciências, mas foram vários os convites e propostas como, por exemplo, para atuar na formação de educadores no Timor Leste e seguir a área acadêmica em Educação, através de um mestrado. Também havia o chamamento para ser professor nas escolas estaduais localizadas em assentamentos de reforma agrária, em Abelardo Luz, onde havia um curso técnico em Agroecologia. Fiz o processo seletivo para concorrer à vaga de professor substituto de Biologia na rede estadual, mas também fiquei atento aos editais de concursos do Instituto Federal do Paraná (IFPR)/Campus de Palmas. Apesar de ser em outro estado, a cidade de Palmas, no Paraná, fica mais perto dos assentamentos de Abelardo Luz onde pretendia trabalhar e morar do que a própria sede deste município. Eu sabia que se estivesse vinculado a uma instituição de ensino superior federal poderia propor cursos por meio do Pronera, inclusive para complementar minha intenção de atuação nos assentamentos em Abelardo Luz.

Houve um grande concurso no IFPR e foram disponibilizadas duas vagas para Biologia em Palmas, mas eu não me encaixava nos critérios adicionais de pós-graduação. Apesar do tão esperado edital do IFPR não ter sido como imaginava, não descartei a possibilidade de prestar o concurso para outro campus, ao menos como experiência. Nesse ínterim, prestei o processo seletivo para o Mestrado em Educação da UFPR. Havia muitas possibilidades na minha vida, todas voltadas à Educação. Acabei prestando o concurso no Campus Telêmaco Borba, foram três dias de prova escrita, prova didática e entrevista; ao final, fui aprovado em primeiro lugar entre concorrentes doutores. O resultado final do mestrado foi publicado nesta mesma semana e também fui aprovado. De repente, me vi totalmente mergulhado na Educação, tanto como docente federal como um pesquisador em Educação.

Finalizava assim um ciclo de quase dez anos em Florianópolis – na verdade sem concluir este ciclo porque deixei muitas pendências, inclusive atividades do Pronera – e me direcionei a Telêmaco Borba antes mesmo de haver qualquer publicação em Diário Oficial sobre minha nomeação. Iniciei este novo ciclo com muita dedicação, porém com uma série de assédios morais e decisões arbitrárias na instituição que me fizeram abandonar o propósito de cursar o mestrado. Passei por uma experiência riquíssima em Ortigueira, em que havia um curso técnico em Agroecologia, construímos uma proposta pedagógica de Educação do Campo, desenvolvi projetos indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão. Conheci quase todas as comunidades campesinas do município, vi a importância da nossa atuação em Ortigueira. Contudo, esta experiência foi aniquilada por questões nada profissionais, por arrogâncias hierárquicas, por atitudes de pessoas que vêm da elite e se sentem no direito de conduzir as decisões como bem desejam.

Diante disso, tive a oportunidade de solicitar remoção para outro campus e tive que tomar a decisão mais difícil de toda a minha vida, a princípio profissional, mas que se refletiria em várias dimensões da vida. De acordo com o edital de remoção, eu poderia ir para qualquer campus do IFPR, a proposta mais tentadora era Palmas. Isso mesmo, a origem do que me levou a fazer o concurso no IFPR, trabalhar no Campus Palmas para estar perto dos assentamentos de reforma agrária de Abelardo Luz. O Campus Paranaguá também se apresentava como uma possibilidade profissional e ao mesmo tempo de maiores chances de estar perto das pessoas amadas. Minha mãe morava em um município perto de Paranaguá e minha companheira estava finalizando o mestrado, havia mais possibilidades da gente morar juntos e dela se inserir profissionalmente no litoral do Paraná. Também verifiquei a possibilidade de redistribuição para outros institutos federais, por exemplo, em Santa Catarina, onde poderia atuar em Imbituba ou Abelardo Luz. Infelizmente, nestes casos as burocracias eram maiores e não contei com o apoio e a contrapartida de pessoas que poderiam facilitar estas articulações para viabilizar minha redistribuição.

Acabei optando pela remoção ao Campus Paranaguá e iniciei uma nova fase da minha vida. Elaborei projetos de extensão e de pesquisa, coordenei um curso de Educação Profissional articulada com a Educação Básica na modalidade EJA, um curso de Formação. Foram várias atividades, todas elas incentivadas e apoiadas pela instituição, muitas delas obrigação do campus que não estava

sendo cumprida. Estes trabalhos foram, por um lado, reconhecidos e amparados pela instituição, mas, por outro, alvo de críticas e de perseguição pelos simples fato de estar dando certo.

O que eu havia encarado em uma universidade elitizada e o que passei no primeiro ano de atuação profissional no IFPR, voltava a se repetir de modo bastante semelhante. Percebi que ser de origem popular, se dispor a trabalhar com o povo, estar junto ao povo, incomoda à elite. O incômodo é tanto que as pessoas da elite passam a incomodar-se ainda mais para não permitir a realização do nosso trabalho, por dois motivos: 1) porque não querem que haja um processo de formação do povo, que os sujeitos oprimidos possam pensar por si próprios e questionar os “donos da verdade”; 2) porque os da elite querem continuar com o povo sob seu controle e qualquer benefício que venha a ser concedido precise passar por eles. Urge mudar esta conjuntura!

LA RISA Y EL LLANTO

Fran Rodrigues*

Uma década é mais de um terço da minha vida. O esforço de resumir em poucas páginas o que vivi em todo esse tempo motiva a percorrer, mais atenta, as histórias que me constituem e conduzem até aqui. Passeio por tudo isso, recolhendo memórias intensas, de tropeços e vitórias.

É como se a pessoa que sou hoje se reencontrasse com a criança que sonhou ser bailarina ou com a adolescente que queria mudar o mundo por meio da palavra. E esse encontro se dá com alegria, tranquilidade e paz interior. Não que tenha cumprido todas as expectativas de outrora ou que a vida não tenha me tornado menos ingênua. Em alguma medida, o tempo sempre pesa sobre os ombros de nossas grandes esperanças. Mas hoje sou uma mulher de 28 anos, grata à vida pelas muitas realizações e pronta para os próximos embates.

DEPOIS DA FACULDADE, A FACULDADE

Dos planos que se enraizaram em mim, enquanto integrante do programa Conexões de Saberes, vários já foram alcançados. Concluí a graduação em jornalismo, em 2008, e permaneci na universidade até os dias atuais. Primeiro, na especialização em Políticas

* Graduação em Comunicação Social, Especialização em Políticas Públicas e em Letramento Informacional e Mestrado em Comunicação, Cultura e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Públicas e como tutora em cursos a distância; depois, no mestrado em Comunicação, e, mais recentemente, em outra especialização, Letramento Informacional. Apesar das contradições, esse é um ambiente que me instiga e fortalece. Se me afasto um pouco, logo sinto falta da curiosidade que move outras mentes inquietas.

Desde 2011, sou professora em cursos de Comunicação Social, tendo atuado em três instituições privadas na educação presencial; e duas públicas (UFG e IFG) na modalidade EaD. participei de vários congressos nacionais e até alguns internacionais, com apresentação de artigos e pesquisas. Em ordem cronológica, esses eventos me possibilitaram conhecer lugares como La Paz, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, na Bolívia; Porto Alegre, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Gramado e Canela, no Rio Grande do Sul; Cuiabá e Chapada dos Guimarães (MT); Recife, Olinda e Porto de Galinhas, em Pernambuco; Fortaleza (CE) e Santiago, no Chile.

Além das acadêmicas, nesse período também alcancei muitas conquistas profissionais. Em 2009, trabalhei como jornalista no Centro Integrado de Aprendizagem em Rede, órgão da Reitoria da UFG, que presta suporte pedagógico aos cursos da Educação a Distância.

No ano seguinte, tornei-me redatora na TV UFG. Essa primeira experiência em televisão resgatou o sonho antigo de trabalhar no telejornalismo, uma paixão de infância, da qual havia desistido. Como as emissoras privadas não oferecem boas condições de trabalho aos funcionários, preferi ingressar no serviço público, em busca de mais qualidade de vida.

SERVIÇO PÚBLICO

No Brasil, desde a Constituição de 1988, o acesso ao serviço público, em funções técnicas, só pode ser feito por meio de concurso de provas e/ou títulos. Entretanto, infelizmente ainda é muito comum a prática do cabide de empregos por meio de cargos de confiança e comissionados.

Aos demais, que não têm parentes ou amigos na política, cabe disputar as vagas que sobram. Muitos concursos só são realizados depois de forte pressão do Ministério Público. A corrida para essas vagas envolve as mesmas discrepâncias do vestibular. Quem pode pagar cursinhos ou não precisa trabalhar tem uma vantagem potencial sobre os que não desfrutam dessas mesmas condições.

Contra as estatísticas, mesmo trabalhando em vários empregos, em rotinas de até 50 horas semanais, tracei um percurso com muitas aprovações em concursos. Foram vários em cadastro de

reserva – e nesses nunca fui chamada, mesmo havendo servidores comissionados exercendo a função – e por três vezes fui aprovada dentro das vagas.

Em 2010, fui nomeada na Agência Goiana de Comunicação, onde atuei como repórter de TV pública até 2014. Nesse trabalho, aprendi a levar boas e más notícias, discutindo, com sensibilidade, os direitos humanos e as desigualdades sociais. Em 2012, ganhei três prêmios regionais com reportagens que refletem sobre preconceito, equidade e educação.

Em 2014, fui aprovada em outro concurso, da Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Nesse estado, residi por pouco mais de um ano. A dura escolha de me afastar da terra natal fazia parte da estratégia para um plano maior. A meta era reduzir a carga de trabalho, para estudar línguas e me preparar para o doutorado.

É preciso reconhecer que, por maior que seja o esforço individual – e no meu caso também familiar –, o estudante de origem popular carrega algumas marcas. A precariedade da escola pública desde o ensino fundamental, começar tarde o estudo de idiomas, a necessidade de trabalhar enquanto estuda... São circunstâncias que deixam lacunas e inseguranças, retardando alguns processos. Contudo, no Conexões, há dez anos, aprendi a enfrentar esses desafios e conquistar meu espaço mesmo em lugares que historicamente parecem não pertencer a quem nasce nas periferias brasileiras e precisa trabalhar para garantir o próprio sustento.

Hoje, estou morando novamente em Goiânia, pois fui aprovada no concurso da Assembleia Legislativa do meu estado, o que também fazia parte da longa estratégia. Se tudo continuar a dar certo, em 2016, vou entrar no Doutorado em Sociologia na UFG para pesquisar os portais da transparência enquanto instrumento de controle social e a participação popular na gestão pública.

“GRACIAS A LA VIDA QUE ME HÁ DADO TANTO”

Esse também é o ano do meu casamento, um sonho recente que tem completado minha felicidade! Entre as testemunhas dessa união, estarão as amigas Bruna, que é médica; Átila, professora de espanhol; e Taisse, biblioteconomista, todas também ex-bolsistas do Programa Conexões de Saberes, sempre presentes na minha vida.

Neste relato, não posso perder a oportunidade de fazer um amplo agradecimento. Pela existência do programa que, à época, me apresentou a pesquisa e a extensão, despertando essa paixão pela docência; pelo auxílio financeiro que me permitiu cursar

a graduação com mais qualidade; pelas ações afirmativas que mudaram um pouco a cara do ensino superior no país e empoderaram pessoas como eu, a primeira do meu núcleo familiar a ser graduada e mestre. Obrigada. Sem essas vivências eu jamais teria ousado sonhar tão alto.

Uma canção da chilena Mercedes Sosa, “Gracias a la Vida”, me inspira a compreender a importância de cada dificuldade e que estamos todos no mesmo caminho, cada um em busca de superar os próprios limites:

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto
Gracias a la vida*

Ainda tenho muitos objetivos pessoais. O doutorado, a docência em uma universidade pública, a participação em projetos que efetivamente contribuam para a implantação de políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas de baixa renda. Aprendi com Saramago que “o conhecimento une cada um consigo mesmo e todos com todos”. Almejo que o conhecimento que construí até aqui e daqui por diante seja usado não apenas em benefício próprio ou limitado à aquisição de bens materiais.

Sonho em garantir uma velhice tranquila aos meus pais. Também penso muito na família que começo a construir. É emocionante pensar que a caminhada do filho que ainda terei poderá ser diferente da minha. Pelo esforço das gerações anteriores, ele não vai precisar passar pelos mesmos sufocos e, se aproveitar as oportunidades que lhe forem oferecidas, poderá chegar bem mais longe do que eu.

Mas quantos filhos que também ainda vão nascer não terão essas mesmas oportunidades? A educação não pode esperar. Que sejamos de fato uma pátria educadora, que oferece a todos os seus filhos a oportunidade de ir além.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL APÓS DEZ ANOS NO CONEXÕES DE SABERES

Francisco de Assis dos Santos Silva*

Em 2006, participei do Programa Conexões de Saberes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que visa estimular maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, com a devida troca de saberes, experiências e demandas. Durante o período em que participei do programa, estive engajado em diversas atividades, como, por exemplo, o Pré-vestibular Comunitário, no qual ministrava aulas para estudantes de escolas públicas, visando contribuir com sua formação e acesso à universidade.

Como fruto da participação no Programa Conexões de Saberes, produzi dois capítulos de livros publicados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): “Vida, educação e química: uma longa caminhada”, publicado em 2009 na Coleção Caminhadas de Universitários de Origem Popular; e “A realidade acadêmica dos estudantes de origem popular no âmbito dos direitos”, publicado em 2010, na Coleção Grandes Temas.

Em 2007, tive a oportunidade de realizar estudos no exterior como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no qual cursei o último semestre da minha graduação nos Estados Unidos. Passei seis meses na

* Graduação em Química, Mestrado e Doutorado em Química e Biotecnologia, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG).

Gonzaga University, em Spokane (Washington), onde aprimorei o domínio da língua inglesa, o que também promoveu um grande enriquecimento pessoal e profissional.

Ao retornar dos Estados Unidos, concluí minha graduação e logo em seguida fui aprovado no Mestrado em Química e Biotecnologia do Programa de Pós-graduação do Instituto de Química e Biotecnologia (IQB) da UFAL, e, em março de 2008, ingressei no mestrado. Assim, passei a ter contato mais permanente com uma excelente equipe de professores, que me incentivou e permitiu aprofundar meus conhecimentos à luz da ciência e do rigor que a academia exige.

Comecei a participar do Grupo de Eletroquímica do IQB, e, sob a orientação da Professora Marilia Oliveira Fonseca Goulart, iniciei minha pesquisa com sensores eletroquímicos. Como o grupo de eletroquímica é multidisciplinar, pude colaborar com profissionais das mais diversas áreas, como, químicos, farmacêuticos, nutricionistas, biólogos, agrônomos etc. Na época, o laboratório não possuía muitos equipamentos que permitissem algumas análises necessárias para o bom desenvolvimento do meu projeto de mestrado, assim, precisei viajar constantemente para Campinas/SP, onde desenvolvi experimentos sob a supervisão do Professor Lauro Tatso Kubota, no Instituto de Química da Universidade de Campinas (UNICAMP).

O trabalho desenvolvido no mestrado resultou em uma dissertação intitulada: “Ácido Xanturênico: um novo mediador para a eletro-oxidação de NADH”, defendida e aprovada em 03/11/ 2009. Nesta dissertação, descrevemos pela primeira vez a utilização deste ácido como mediador redox, através de um simples eletrodo de carbono vítreo, modificado com nano tubos de carbono de paredes múltiplas e ativado com ácido xanturênico para a eletro-oxidação de NADH.

Os resultados do trabalho desenvolvido durante o mestrado também foram publicados em artigo intitulado *“Poly-xanthuric acid as an efficient mediator for the electrocatalytic oxidation of NADH”*, no periódico científico Qualis A *Electrochemistry Communications*, em 2010.

Em novembro de 2009, dei continuidade à minha formação acadêmica ingressando no Programa de Pós-graduação em Química e Biotecnologia da UFAL, em nível de doutorado, ainda sob a orientação da Professora Marilia Oliveira Fonseca Goulart. Durante o doutorado, participei do Instituto Nacional de Bioanalí-

tica (INCTBio), do qual o Laboratório de Eletroquímica da UFAL faz parte.

Em julho de 2011, realizei estudos complementares na Inglaterra na Hull University (Kingdom Upon Hull-UK), onde desenvolvi experimentos em eletrólise de Kolbe, sob a supervisão do Professor Jay Wadhawan.

Os resultados do doutorado integram três artigos. O primeiro, “*Poly-xanthurenic acid modified electrodes: an amperometric sensor for the simultaneous determination of ascorbic and uric acids*”, foi publicado no periódico científico internacional Qualis A *Sensors and Actuators B: Chemical*, em 2012, e relata um sensor amperométrico para a determinação simultânea de ácidos ascórbico e úrico, utilizando um eletrodo de carbono vítreo modificado com nanotubos de carbono e um filme polimérico de ácido xanturênico, o qual foi depositado eletroquimicamente. O segundo artigo, “*A very low potential electrochemical detection of L-cysteine based on a glassy carbon electrode modified with multi-walled carbon nanotubes/gold nanorods*”, foi publicado no periódico científico internacional Qualis A, *Biosensors and Bioelectronics*, em 2013, e descreve a utilização de nanobastões de ouro modificando nanotubos de carbono de forma não covalente e sua aplicação para a determinação de cisteína, com alta seletividade e sensibilidade em amostras de urina humana. No terceiro artigo, por fim, intitulado “*A new amperometric sensor for determination of homocysteine on iron(II) – xanthurenic acid complex/MWCNT modified electrodes*”, foi desenvolvido um sensor para homocisteína, utilizando um complexo metálico sintetizado a partir do ácido xanturênico e de íons ferro (II). Este artigo encontra-se em estudos complementares para a publicação final.

Dois outros artigos ainda foram publicados como resultado de minha cooperação em outros trabalhos: “*Oncocalyxone A: Electrochemical, Spectroscopic Investigation and Studies of its Interaction with DNA, nucleobases and N-acetylcysteine*”, publicado no *Journal of the Brazilian Chemical Society*; e “*Electrochemical and Spectroscopic Investigation of Bioactive Naphthoquinones*”, publicado no *International Journal of Electrochemical Science*, ambos em 2012.

Em 10 de dezembro de 2013, defendi a tese intitulada *Desenvolvimento de eletrodos quimicamente modificados para a eletrona-análise de biomarcadores de antioxidantes de importância biológica*, sendo aprovado e recebendo o título de Doutor em Ciências, área Química Orgânica.

CAMINHADAS DEZ ANOS DEPOIS

Quanto à atuação profissional, no período de 2005 a 2007, atuei na educação básica pela Secretaria Estadual de Educação de Alagoas (Seed/AL) como monitor, lecionando as disciplinas de química para o ensino médio e ciências e matemática no ensino fundamental.

Entre abril de 2011 e dezembro de 2012, lecionei no curso de Licenciatura em Química as disciplinas de Química Orgânica I, II e Físico-Química na Faculdade São Vicente (FAVISPA) no município de Pão de Açúcar, em Alagoas, também orientando diversas monografias na área de ensino de Química e Química Orgânica do curso de Química e coordenando projetos acadêmicos de pesquisa e extensão.

Entre março de 2012 e janeiro de 2014, fui professor substituto de ensino de Química na Universidade Federal de Alagoas, onde lecionei as disciplinas de História das Ciências, Instrumentação para o Ensino e supervisionei os estágios curriculares obrigatórios do curso de licenciatura em química.

Desde janeiro de 2014, sou professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), onde leciono as disciplinas de Química Orgânica

1 e 2 e Bioquímica para o curso de Licenciatura em Química. No IFG, integrei a comissão organizadora da III Semana de Ciência e Tecnologia, orientei trabalhos de iniciação científica e monitoria, e, desde agosto de 2015, sou coordenador do curso de Licenciatura em Química do IFG/Campus Uruaçu.

Sou licenciado em Química e, compreendendo a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão para a categoria docente, consigo vislumbrar a importância do Programa Conexão de Saberes na minha vida pessoal e profissional, uma vez que ele me proporcionou uma formação mais ampla e contribuiu para meu enriquecimento pessoal!

“PARA NÃO MORRER NO NASCEDOURO”

Josemeire Alves Pereira*

*Arquivar a própria vida
é se pôr no espelho,
é contrapor à imagem social
a imagem íntima de si próprio.*

Phillipe Artières

Minha participação no Programa Conexões de Saberes na UFMG ocorreu entre 2005 e 2007, durante a graduação em História. A experiência foi singular em minha formação, referenciando aspectos importantes de minhas escolhas acadêmicas e influindo na opção pela continuidade dos estudos na pós-graduação. Antes de abordar tais experiências, contudo, considero importante evocar um pouco da própria experiência do Conexões, em Belo Horizonte.

O núcleo da UFMG foi um dos três primeiros do Programa Conexões de Saberes a ser instituídos no país. A proposição do Ministério da Educação (MEC) constituía, então, iniciativa pioneira ao promover a interlocução entre experiências e sujeitos de produção de saberes, quais sejam, os populares e os acadêmicos. A fidelidade das ações desenvolvidas pelo núcleo do programa na UFMG, em relação à proposta matriz, foi um dos fatores que contribuíram, em minha avaliação, para o sucesso da experiência, sobretudo pela forma dialógica de como a metodologia foi construída e continuamente avaliada e adaptada, junto com estudantes e moradores das comunidades interlocutoras, conforme a dinâmica da relação com as comunidades envolvidas.

* Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em História e doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Dos três eixos de atuação definidos para o programa, um deles era voltado para atividades de formação das/dos estudantes – que incluíam o exercício da escrita acadêmica, leituras, debates e seminários sobre temas afetos às ações afirmativas e às ações dos outros dois eixos – e estes outros dois privilegiavam contato com duas comunidades: Ibirité, um município da região metropolitana de Belo Horizonte, e o Aglomerado Santa Lúcia, um conjunto de cinco favelas localizado na região Sul da capital mineira. Foram, então, divididos dois grupos de estudantes oriundos de diversos cursos de graduação – Psicologia, Engenharia, História, Geografia, Biblioteconomia, Pedagogia, Ciências Sociais, entre outros –, que tinham em comum o autorreconhecimento como negras e negros e a condição socioeconômica. Cada um dos grupos, além da participação nas atividades do eixo de formação, atuava, ao longo do período de vigência do programa, em uma das comunidades, com os coordenadores Shirley Aparecida Miranda, Rodrigo Ednilson de Jesus e Luiz Carlos Felizardo Júnior.

Integrei a equipe que atuou no Aglomerado Santa Lúcia, em parceria com dois grupos locais: a Associação Cultural Grupo do Beco¹ e a Associação dos Universitários do Morro (AUM). Além de estudante, eu também era moradora e integrante de movimentos sociais e culturais daquela comunidade. Esta condição possibilitou-me a oportunidade de exercitar o propósito da interlocução de saberes a partir de um olhar diferente: o de uma universitária, cuja trajetória escolar e acadêmica era enraizada nas vivências daquela comunidade. Tratava-se de uma situação que, em função das tensões que me propunha, estimulava uma observação mais apurada em relação à minha prática acadêmica – em que medida minha inserção numa realidade como a de minha comunidade participava de minha formação como historiadora? E de que maneira eu me apropriava deste processo de formação em minha atuação na comunidade? Não havia respostas imediatas, tampouco simples. E, reconheço ao rememorar estas experiências, que elas foram importantes ao ponto de ainda hoje repercutirem em minha trajetória, como campo aberto de contínuas e renovadas reflexões.

Naquele momento, após fecundos debates, o grupo composto por universitários e moradoras/es escolheu trabalhar com a produção de uma memória da comunidade, o que se apresentava como demanda importante, diante da profunda ausência de referências ao

¹ Atualmente: Associação Cultural Casa do Beco.

Aglomerado Santa Lúcia e às favelas, em geral, nos discursos históricos e memorialísticos sobre a cidade. Partíamos do entendimento de que investigar aspectos da história de produção da comunidade e criar registros de memória do lugar eram uma forma de registrar também sua existência simbólica, tão negligenciada pela cidade quanto sua própria existência “concreta”.

Entretanto, não nos cabia “falar pela comunidade”, impor uma memória à revelia das pessoas. O intento só faria sentido, se a memória fosse tratada a partir da ampliação do envolvimento de moradoras e moradores. Era preciso pensar em algo lúdico e atrativo, que provocasse o interesse da comunidade. O Cortejo da Memória foi a ação, por meio da qual conduzimos os trabalhos, a partir de então. No dia 5 de outubro de 2005, percorremos as principais ruas do Aglomerado, durante a manhã e a tarde, em um carro de som que acompanhava um personagem – o “Seu Zé”, protagonizado por Nil César, ator do Grupo do Beco –, um morador antigo que estava de partida e antes da viagem desejava despedir-se das companheiras e dos companheiros de uma vida compartilhada na comunidade. Assim, convidamos lideranças e não lideranças a se encontrarem com “Seu Zé”, em pontos específicos de nosso percurso; registramos estes encontros, nos quais o personagem estimulava a/o convidada/o a falar sobre a própria experiência na comunidade. Ao final do dia, encerramos as atividades do Cortejo com a exibição de filmes que tinham por tema a comunidade ou que lá foram filmados, com participação ou não de moradoras/es. Centenas de pessoas afluíram para assistir, pela primeira vez, em um telão instalado em um dos cruzamentos de ruas na comunidade da Vila Estrela,² filmes cuja existência, até então, sequer sabíamos e que foram descobertos mediante pesquisa efetuada pela equipe do Projeto Memória – título que foi dado para aquele trabalho.

Para além dos resultados materiais – uma revista³ e um *kit* com registros audiovisuais e iconográficos do Cortejo – a experiência impactou o cotidiano da comunidade, repercutindo as reflexões em torno do tema da memória em outras ações, como exposições em locais fortemente frequentados pela população, tais como bares, sacolões, supermercados e igrejas; atividades onde eram expostas

² Além da Vila Estrela, o Aglomerado Santa Lúcia é formado por: Vila Santa Rita de Cássia, Barragem Santa Lúcia, Bicão (Vila Esperança) e Vila São Bento. De acordo com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, ali residem cerca de 17 mil pessoas.

³ Revista da Laje.

fotos de pessoas e eventos da comunidade, com o intuito de estimular a participação das pessoas que tivessem contato com elas. Muitas lembravam e conversavam sobre aspectos evocados pelas fotografias – a transformação de ruas, becos, instituições educacionais; a gincana do grupo de jovens que reunia milhares de pessoas no mês de setembro; os times de futebol; a Comissão de Direitos Humanos; os grupos religiosos e culturais... Espontaneamente, deixavam fotografias individuais e familiares, contribuindo para a formação de um acervo coletivo.

Paralelamente aos preparativos para o Cortejo, e também depois dele, a equipe realizou pesquisa em instituições arquivísticas e bibliotecas públicas da cidade, em busca de referências documentais e literárias sobre o Aglomerado Santa Lúcia. A escassez desses registros nas instituições públicas contrastava com a riqueza de pistas que afluiu dos depoimentos de moradoras e moradores entrevistadas/os durante o Cortejo e nos meses seguintes. Os relatos indicavam, por exemplo, que o início da formação do lugar, com a vinda de trabalhadores de uma antiga fazenda, remontava aos primeiros anos do século XX, sendo coetâneo à própria criação de Belo Horizonte, planejada na última década do século anterior, para abrigar a administração do Estado, em substituição à antiga capital, Ouro Preto.

Foi a partir desta experiência que construí como proposta de pesquisa para o mestrado uma investigação sobre a história daquela comunidade a partir da mobilização feita, em 1992, por uma das associações de moradores locais, em favor do tombamento municipal de um casarão que existe no lugar onde se formou a comunidade, desde antes da criação de Belo Horizonte. Já nos anos 1990, portanto, o tema da memória do lugar era reivindicação da comunidade. O ofício enviado pela associação à Secretaria Municipal de Cultura – o qual identificamos durante a pesquisa documental efetuada, durante os preparativos do Cortejo, conforme mencionado –, reivindicava que a prefeitura tombasse o imóvel e o transformasse em um espaço cultural, com biblioteca, para atendimento às crianças. Em entrevista que realizei, durante o mestrado, com o então presidente da associação, à época, ele justificou a reivindicação pelo tombamento – aliás, atendida pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte –, explicando que a Casa da Fazendinha remetia à infância dos moradores, à chegada à cidade e à comunidade; era um espaço que deveria ser garantido às gerações vindouras. Entendia-se que o tombamento evitaria que o imóvel fosse eventualmente demolido.

Antes de submeter o projeto ao processo de seleção para o Programa de Pós-graduação em História da Unicamp, que, além de ser reconhecido com um dos melhores do país, possuía a Área de Política, Memória e Cidade, por meio do qual eu poderia desenvolver adequadamente a pesquisa, participei do rigoroso processo seletivo do Programa Bolsas da Fundação Ford e fui uma das/os estudantes contempladas com uma bolsa de estudos, na coorte de 2008. De maneira distinta de outros programas de fomento à pesquisa, o Programa de Bolsas da Fundação Ford, uma ação afirmativa voltada para a promoção do acesso e permanência de estudantes de origem popular – e, no caso do Brasil, afrodescendentes e indígenas, prioritariamente – propiciava também aportes à formação acadêmica das/os bolsistas. Assim, a possibilidade de investir no estudo de idiomas foi um dos distintivos de minha formação neste período. Além dos cursos de Inglês e Francês, foi-nos possibilitada uma temporada de imersão para estudo da língua inglesa, na Universidade do Arkansas, durante a primavera de 2010.

Como desdobramento das experiências do Projeto Memória e da pesquisa sobre a história da comunidade do Aglomerado Santa Lúcia, durante o mestrado, tenho desenvolvido, desde 2013, pesquisa de doutorado sobre as experiências e trajetórias de famílias negras em Belo Horizonte, na primeira metade do século XX. Trata-se de outro tema negligenciado na historiografia sobre a cidade e que se me apresentou como demanda de pesquisa a partir de uma entrevista de história de vida e familiar que realizei, em 2007, com uma das moradoras mais antigas da comunidade, cujos antepassados, incluindo uma “ventre-livre”, haviam migrado para Belo Horizonte, logo após a inauguração da cidade, em 1897.

Rememorando uma expressão dita por dona Miltes,⁴ moradora da Barragem Santa Lúcia, percebo que escrever sobre minha trajetória, que é também construção coletiva, é uma forma de “não deixar morrer no nascedouro” o aprendizado vivenciado ao longo desses dez anos. Que seja, talvez, uma possibilidade de, por meio do exercício de “arquivar a própria vida” (Artières, 1999), da “escrita de si”, promover o “cuidado do outro” (Foucault, 2011).

⁴ Dona Miltes costumava utilizá-la para nos alertar sobre a importância de cultivar os projetos agenciados nas lutas em favor da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTIÈRES, Phillip. Arquivar a própria vida. In: *Revista de Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34.
- CASA da Fazendinha. Projeto Memória, Oficina de Imagens. Belo Horizonte, 2005, dvd. Disponível em: <<https://www.youtube.com>> Acesso em: set. 2015.
- CRUZ, Márcia Maria. *Morro do Papagaio*. Belo Horizonte: Conceito, 2009.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos & Escritos V. Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.
- _____. *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GOMES, Juvenal Lima. Condições de vida do passado, conquistas do presente: a luta das associações comunitárias do Aglomerado Santa Lúcia por cidadania. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt>>. Acesso em: set. 2015.
- LADISLAU, I. P. História de vida. Entrevista concedida a Josemeire Alves Pereira. Arquivo Digital. Belo Horizonte, 22/08/2007.
- PEREIRA, Josemeire Alves. O tombamento do Casarão da Barragem e as representações da favela em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>. Acesso em: jul. 2015.
- PREFEITURA Municipal Belo Horizonte. Plano Global Específico. Levantamento de Dados do Aglomerado Santa Lúcia, 2003.
- REVISTA da Laje, s.n. Belo Horizonte, 2007.

UMA HISTÓRIA VIVIDA POR INTEIRO: UM PROCESSO DE MUITA CONQUISTA E DETERMINAÇÃO

Josiane Moraes*

*O valor das coisas não está no tempo que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.*

Fernando Pessoa

Apresento-lhes um pouquinho da minha história, não se trata de nenhuma catarse, mas certamente expressará alguns momentos importantes de minha vida, os quais muito contribuíram para construir a minha identidade, a qual, sem dúvida, se constitui de muita determinação.

Num primeiro momento, parece fácil escrever sobre os acontecimentos dos últimos dez anos de sua trajetória, porém, quando você senta à frente do computador é que se dá conta da tarefa difícil que se apresenta diante de ti. Ainda mais, em se tratando de tempos tão “instantâneos”, do “aqui e agora” em que ninguém mais se dedica a olhar para si ou para o outro, afinal somos forçados constantemente pela sociedade do capital a vivermos sob os valores do individualismo, da competição, tornando-nos, senão cuidar-nos, escravos do sistema vigente e, portanto, sem tempo para viver inteiramente a vida, muito menos para refletir sobre ela.

Em se tratando de história e de cotidiano, gostaria de me reportar, brevemente, à reflexão de Heller (1972, p. 17)¹ “(...) a vida cotidiana é a vida de todo homem”, ou seja, do homem inteiro, pois participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua indivi-

* Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É Assistente Social no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

¹ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

dualidade, de sua personalidade. O homem nasce inserido na sua cotidianidade, que, por sua vez, é uma vida cotidiana heterogênea e hierárquica e supõe respostas a múltiplas e diferentes necessidades. O movimento de continuidade de toda a heterogênea estrutura social e a continuidade de valores chama-se ‘história’, que, segundo Heller, é a substância da sociedade que, por sua vez, o homem é a substância da sociedade, não se refere ao indivíduo humano (ideia liberal), mas trata-se do humano-genérico, enquanto ser social, sujeito da história.

O que você quer ser quando crescer? Eis a pergunta que muitos fazem enquanto você é adolescente. Eu realizei todo o ensino fundamental e médio em escola pública, vivenciei a precariedade da educação pública no Brasil, a falta de professores, a falta de incentivo salarial aos professores e consequentemente o desânimo para preparar e dar as aulas, bem como a falta de comunicação entre professor e aluno para além do conteúdo escolar. É intrínseco na formação sócio-histórica do Brasil o baixo investimento na Política Pública de Educação; nesse sentido, tem se fortalecido a formação de uma massa de ignorantes, alvo do paternalismo e populismo de nosso país, cujas raízes vêm desde o Brasil Colônia.

Em 2005, ingressei aos dezessete anos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no curso de Serviço Social. Nunca me olvidei da frase que minha mãe repetiu diversas vezes: “filha, estude bastante para ser alguém na vida, pois sua mãe nunca teve a oportunidade de estudar.” Por isso, dediquei-me com muito afinco aos estudos, pois sabia que não seria fácil ingressar em uma universidade pública, porém não seria impossível. Foi então que precisei pensar: qual faculdade quero fazer? Desde muito cedo eu expressava: “quero fazer jornalismo”, contudo, no último momento, optei pelo curso de Serviço Social, eu não sabia muito bem o que era o Serviço Social, mas tinha a convicção de que era um curso importante porque garantia Direitos Sociais.

A universidade pública foi a porta de entrada para muitas conquistas, foi a oportunidade do acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade. Nesse sentido, pretendo pontuar nos parágrafos seguintes algumas das oportunidades que contribuíram para uma inteira formação acadêmica.

Durante os seis anos em que permaneci na graduação,² envolvi-me em muitas atividades: na pesquisa, na monitoria, nas aulas, nos

² Foi uma opção me formar com seis anos de graduação, tendo em vista que durante o período de um ano eu realizei os intercâmbios estudantis e durante um ano e meio fiz os estágios curriculares não obrigatórios e obrigatórios.

projetos de extensão, nos grupos de estudos, no movimento estudantil, afinal o meu objetivo era muito claro: obter conhecimento, pois o conhecimento é a melhor ferramenta para compreender a sociedade e delinear possíveis vias de transformação, sem ele somos presas fáceis das manobras políticas.

Participar do Programa Conexões de Saberes, e devolver atividades/projetos junto à comunidade, foi de suma importância para aprofundar o entendimento e a crítica às expressões da Questão Social (exclusão social, desemprego, pobreza, entre outras), bem como, estimular-me a buscar outras experiências que me proporcionassem conhecimento e compreensão da sociedade e das relações sociais.

Na quarta fase do curso (2007.1), fui selecionada com uma bolsa de estudos para participar do Programa Escala Estudantil,³ fiz um semestre do Curso de Trabajo Social na Universidade de Rosário/Argentina. Foi uma experiência sensacional, pois pude me apropriar da língua oficial do país e da cultura, tive a oportunidade de me aproximar da formação em Serviço Social na Argentina através das disciplinas cursadas, dos eventos participados e da observação participante realizada durante dois meses no Centro de Protección para la Infancia, vinculado à Secretaría de Promoción Social – Área de la Niñez.

Outra experiência que não poderia deixar de mencionar, pois também contribuiu muitíssimo para a minha formação intelectual, diz respeito ao segundo intercâmbio realizado na Universidade do Minho em Braga/Portugal. Desta vez, fui selecionada com uma bolsa de estudos pelo Programa Erasmus Mundus⁴ (Projeto ESAI) em 2009.2 para cursar um semestre do curso de Sociologia na universidade acima referida. Foi um momento muito rico, pois pude me apropriar das teorias sociológicas, vivenciar a cultura e os costumes portugueses,

³ É um programa da Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM, fundada em 1991), entendido como a construção de um Espaço Acadêmico Comum Ampliado Latino-americano (ESCALA), que tem por objetivo impulsionar e fortalecer o processo de construção de um espaço acadêmico comum através da mobilidade de estudantes entre os países da América Latina, promovendo o intercâmbio acadêmico-cultural e o conhecimento dos diferentes sistemas de educação superior da América Latina. Disponível em: <<http://www2.grupomontevideo.edu.uy/escala>>. Acesso em: 10/09/2015.

⁴ Erasmus Mundus é um programa de cooperação e mobilidade que visa melhorar a qualidade do ensino superior europeu e promover o diálogo e o entendimento entre povos e culturas com os países subdesenvolvidos. Disponível em: <http://eacea.ec.europa.eu/erasmus_mundus/programme/>. Acesso em: 10/09/2015.

bem como, me aproximar da cultura dos demais países europeus, além de desenvolver a pesquisa “Mediação de conflitos com adolescentes autores de ato infracional”, na cidade de Braga e Guimarães.

Ao final do intercâmbio, considerando que não havia mais aula e ainda tinha mais um mês de bolsa do Programa Erasmus, instigou-me a passar o último mês do intercâmbio em Londres, onde fiz um curso intensivo de inglês. Portanto, a experiência acadêmica e cultural que este intercâmbio me proporcionou foi simplesmente imensurável.

A graduação em Serviço Social foi um longo período permeado por ricas experiências que contribuíram para a construção de um qualificado currículo acadêmico.

Contudo, minha paixão pela pesquisa e pela vida acadêmica não me deixou parar o aprimoramento intelectual com o término da graduação, então, em outubro de 2010, ainda em processo de conclusão da graduação, prestei a prova de seleção para o mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cuja resposta da aprovação ocorreu em novembro de 2010.

Acercava-se, mais uma vez, um processo de mudança em minha vida, afinal, estava prestes a mudar de cidade, conforme alguns amigos diziam: “(...) da ilha da magia (Florianópolis-SC) para a cidade de pedra (São Paulo-SP)”. De fato, eu estava concluindo uma etapa – a graduação – e ciente da necessidade de continuar minha formação acadêmica e profissional; a mudança de cidade não seria problema para mim, uma vez que tenho facilidade para me adaptar a novos ambientes e fazer novos amigos, contudo, o que tirou o meu sono durante algumas noites foi o fato de estar me afastando ainda mais de minha família (padrasto, mãe e irmão), a qual permanecia residindo no interior de Santa Catarina, em uma cidade chamada Xaxim. Em 14 de fevereiro de 2011 iniciava-se, portanto, uma nova fase, a do mestrado.

Importante salientar que em fins de 2010 também realizei a seleção de mestrado na minha universidade de origem, a UFSC, aprovada em boa colocação, porém optei pela PUC-SP, não desmerecendo a UFSC, pois muito contribuiu para construir minha identidade acadêmica, entretanto, fiquei muitíssimo feliz em poder estudar na melhor universidade de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado em Serviço Social do país, podendo dialogar e refletir pessoalmente com alguns dos melhores professores da área do Serviço Social, além de fazer o meu projeto de pesquisa e dissertação sob a orientação da respeitada Professora Maria Lucia Martinelli.

Registro também a importância em conseguir uma bolsa integral do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), embora o valor de R\$ 1.345,00 fosse insuficiente para me manter na cidade de São Paulo, uma metrópole com aproximadamente 12 milhões de habitantes e altíssimo custo de vida. Diante disso, eu realizava *bicos* para complementar a renda. Ministrei aulas no curso de Serviço Social em universidades privadas de São Paulo e participei de projetos de pesquisa vinculados a instituições públicas.

Por fim, dizer o quanto importante é a formação continuada. Sem dúvida é de grande relevância ampliar as vagas e propiciar aos assistentes sociais o aprimoramento contínuo do exercício profissional, haja vista que, diante da flexibilização e precarização do trabalho, bem como da naturalização das expressões da questão social, podemos cair em ações profissionais deterministas ou mesmo confundirmos os objetivos profissionais com os objetivos institucionais, diluindo a ação profissional do assistente social a um mero fazer profissional de cunho predominantemente técnico.

Os dois anos que compõem a formação do mestrado passam muito rápido, contudo, são dois anos de intensas leituras, reflexões, de aprofundamento teórico-crítico das teorias sociais. Além das infinitas relações sociais que vamos tecendo no decorrer deste processo de formação, das amizades, dos diálogos com os colegas e professores. O espaço da universidade é um espaço privilegiado, pois os diferentes saberes, as críticas e as reflexões pulsam no interior da instituição. É uma pena que o acesso ainda não seja completamente universalizado.

Em maio de 2011, tive a oportunidade de participar, juntamente com mais 16 pós-graduandos da PUC-SP, do VI Congresso Internacional de Trabajo Social em Havana/Cuba. A partir desse congresso, suscitou em mim o interesse em conhecer e aprofundar a trajetória do Serviço Social cubano, cuja síntese foi apresentada em uma das disciplinas cursadas na pós-graduação, com o trabalho intitulado “O Trabajo Social em Cuba”, publicado como artigo na revista *Serviço Social e Sociedade* nº 108, o que, obviamente, deixou-me bastante feliz.

Terminando o mestrado, chegou o momento de enfrentar o mercado de trabalho e toda a sua precarização e exploração da força de trabalho. Em dezembro de 2012, prestei a prova de concurso público do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo para o cargo de assistente social, felizmente fui aprovada e um ano depois tomei posse na Vara da Infância e Juventude do Fórum de Itaquera

(zona leste da capital). O trabalho na Vara da Infância e Juventude é repleto de enfrentamentos, somos desafiados cotidianamente a lidar com as situações extremas de violência (maus-tratos, violências física, sexual e psicológica e negligência), pobreza e exclusão social.

A vontade de agregar conhecimento é intrínseca a mim e por isso, em fevereiro de 2014, iniciei uma segunda faculdade, desta vez no curso de Direito. Tenho aprendido muito e buscado aproximar a discussão sobre Direito e Justiça. Estou na quarta fase do curso, restam três anos para concluir-lo, mas o importante é o desejo e a vontade de apreender e compreender as relações sociais, as vias de resistência e as possibilidades de transformação.

Em meados de 2014, um acontecimento pessoal me deixou, e ainda me deixa, bastante abalada, pois perdi a pessoa mais importante da minha vida, minha mãe (Inês Moraes), com apenas 44 anos ela nos deixou para seguir sua evolução espiritual em outro plano astral. O luto e a saudade são constantes...

Ao longo destas páginas, compartilhei com vocês um pouquinho da minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Certamente não foi possível registrar todos os acontecimentos, mas confidenciei os mais importantes. Para finalizar, reporto-me a um pensamento do filósofo pré-socrático Heráclito: “A sabedoria é a meta da alma humana; mas, a pessoa, à medida que em seus conhecimentos avançam, vê o horizonte do desconhecido cada vez mais longe”. É nesse sentido que caminha o meu desejo pelo conhecimento, pois quanto mais estudo, mais tenho desejo de conhecer.

UMA DÉCADA APÓS A EXPERIÊNCIA DO CONEXÕES DE SABERES: RELATO DE UMA EX-BOLSISTA

Juliana Assis*

*O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.*
Guimarães Rosa

O Programa Conexões de Saberes (diálogos entre a universidade e as comunidades populares) foi uma iniciativa governamental pioneira no âmbito da educação superior brasileira.

O programa surgiu a partir de uma iniciativa elaborada em 2002 pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Após 2004, foi desenvolvido em âmbito nacional e adaptado por 31 universidades federais, de acordo com suas especificidades.

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a iniciativa conseguiu promover a integração entre pesquisa, extensão e ações afirmativas. As ações afirmativas são medidas que objetivam oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado que compense as desvantagens oriundas de situações de racismo e outras formas de discriminação. (Munanga, 2004)

Enquanto pesquisa, o Conexões de Saberes viabilizou a iniciação de jovens universitários oriundos de comunidades carentes no universo da investigação científica a partir da proposição e do desenvolvimento das etapas que compõem uma pesquisa.

* Professora Adjunta de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro da ISKO/Brasil (International Society for Knowledge Organization).

Enquanto extensão, fez com que esses jovens, representantes da universidade pública, saíssem dos muros da instituição e interagissem diretamente com a população, estabelecendo trocas que propiciaram o compartilhamento de conhecimentos e habilidades.

Já enquanto ação afirmativa forneceu elementos fundamentais à formação científica e profissional de jovens universitários negros e pardos. Entre estes elementos, destacam-se a aceitação e a valorização do negro enquanto tal em uma sociedade em que o mito da democracia racial se faz vigente e fortalecido pelos aparatos midiáticos e pelos mecanismos dissimulados de exclusão.

Quando se nasce pobre e pertencente a grupos tradicionalmente excluídos em nossa sociedade é necessário mais que a vontade de estudar e progredir. É preciso resistência e perspicácia para criar estratégias de estudos e metas, além de obviamente conhecer pessoas que possam somar positivamente ao percurso que se deseja empreender. As oportunidades, quase sempre, são raras e por isso mesmo não podem ser perdidas.

Atualmente, recém-doutora e Professora Adjunta A da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fui bolsista do programa entre os anos de 2005 e 2007, participei, portanto, do primeiro grupo de bolsistas selecionados pelo programa Conexões de Saberes na UFMG.

A opção pelo desligamento do programa em meados de 2007 se deu por uma necessidade particular de aplicar os conhecimentos e experiências adquiridos durante a formação em uma pesquisa específica, oriunda do meu campo de atuação, a Ciência da Informação, mais precisamente, na área da Organização e Representação do Conhecimento, especialidade na qual, posteriormente, desenvolvi pesquisas de mestrado (2009-2011) e doutorado (2011-2015).

Em 2007, fui selecionada para compor o quadro de bolsistas do Programa Especial de Graduação (PEG) na Escola de Ciência da Informação. Sob a orientação da Professora Maria Aparecida Moura (primeira docente negra a se tornar professora titular da UFMG, em seus 88 anos de fundação), participei de uma pesquisa voltada ao estudo dos fundamentos teóricos da organização da informação audiovisual em contextos digitais, temática que sempre me despertou interesse.

Além do planejamento do pré-projeto ao longo da experiência na pesquisa em Ciência da Informação, o fato de estudar inglês desde o quarto período da graduação no Centro de Extensão da Faculdade de Letras, foi um fator que muito contribuiu para minha

aprovação em todas as etapas do processo seletivo do mestrado, obtendo a nota máxima no exame de proficiência.

Durante os dois anos do mestrado, fui a única aluna negra na turma, composta por cerca de 30 alunos; havia um colega negro, contudo, era estudante em cooperação internacional (Brasil-África).

(Acervo pessoal)



Turma de Mestrado em Ciéncia da Informação. ECI/UFGM, 2009.

A fase do mestrado foi muito intensa; por ter sido aprovada em quarto lugar, obtive bolsa Capes para desenvolver a pesquisa, que tinha por objetivo investigar a qualidade da informação na web.

Acompanhei ainda a aprovação de alguns dos meus ex-colegas do Programa Conexões de Saberes em cursos de mestrado em Minas Gerais e também fora do estado.

Defendi a dissertação no prazo e com uma responsabilidade a mais, visto que, ao final do mestrado, já havia escrito o pré-projeto de doutorado, feito o exame de proficiência em espanhol e obtido aprovação no processo seletivo.

Concluí a pesquisa de mestrado, indicada como segundo melhor trabalho na categoria pesquisador júnior no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciéncia da Informação (Enancib), maior evento da pesquisa em Ciéncia da Informação brasileira.

Durante o doutorado, tive a oportunidade de contribuir, de alguma maneira, para a formação de futuros mestrandos por meio

do Programa Afirmação na Pós-graduação, uma iniciativa da Fundação Ford, UFMG e UEMG que teve por objetivo oferecer disciplinas preparatórias para o mestrado a jovens recém-graduados negros e pardos de origem popular.

No programa Afirmação, na Pós-graduação, auxiliei minha orientadora na criação, no preparo e no ensino de disciplinas e pude compartilhar experiências e percepções com aqueles que, assim como eu, lutam por uma sociedade mais justa e uma universidade que respeite a diversidade que caracteriza o povo brasileiro.

Durante o curso, ouvimos diversos relatos dos alunos, narrativas que evidenciam o fato de que a exclusão das minorias na pós-graduação, aqui considerando mestrado e doutorado, começa por uma exclusão informacional.

A experiência do Programa Afirmação na Pós-graduação, por iniciativa da Fundação Ford, revelou ainda grandes desafios a serem superados pela universidade pública brasileira no que tange à percepção do mérito e aos processos de construção da qualidade e da excelência acadêmica.

(Acervo pessoal)



Primeira turma do Programa Afirmação na Pós-graduação. UFMG, maio de 2012.

Em consonância com Gomes (2004, p. 41) “a universidade pública brasileira precisa refletir, no seu interior, a diversidade étnico-racial da população. Essa diversidade precisa estar contemplada nos mais diversos cursos (...). Para que a diversidade étnico-racial

seja respeitada nos espaços acadêmicos, que são essencialmente espaços de poder, ainda é necessário um longo caminho.

As ações envolvem não apenas a elevação da taxa de negros e pardos presentes na graduação, mas também na pós-graduação e no corpo docente. A representatividade dessas minorias na docência do ensino superior público brasileiro, por exemplo, é menor que 2%. A alteração desse quadro demandará a atuação de negros e pardos em todos os campos da pesquisa científica e não somente nas temáticas étnico-raciais.

O percurso do negro na academia torna-se mais solitário à medida que aumenta seu grau de formação. Se durante a graduação tive a alegria de não ser a única negra em sala, no mestrado e no doutorado essa configuração não mais se repetiu.

Nessa caminhada solitária e de lutas por direitos e respeito, o racismo sempre mostra suas faces, de modo dissimulado ou não. Diversos exemplos são relatados no livro *Memórias e Percursos de Professores Negros e Negras na UFMG*, publicado em 2009, pela Editora Autêntica.

Agrego a lembrança destes relatos à minha própria experiência de resistência na universidade para reafirmar o que disse o Professor Jorge Henrique Posada: “um negro é sempre um negro (...), somos analisados, classificados e mensurados o tempo todo, em todos os espaços e posições, de acordo com uma antiga régua (...). Mesmo nos dias atuais, o lugar na sociedade é determinado pela cor da pele, por mais que tenhamos avançado na conquista dos direitos”. (Posada, 2012).

Isso ocorre porque a sociedade, com suas lentes embaçadas, se acha no direito de nos conferir uma determinada posição, um determinado lugar! Nesse sentido, observa-se que “(...) a herança da escravidão ainda tem raízes profundas em nossa estrutura social e econômica, além de determinar a hierarquia de poder que se configura em nossa sociedade, com suas novas formas de exploração e de marginalização”. (Posada, 2012)

Entre estas novas modalidades de marginalização e exploração, destaca-se o racismo institucionalizado, que se faz presente, não apenas na academia, mas também em todos os espaços de poder. É contra ele que professores negros e negras lutam cotidianamente, a começar, inúmeras vezes, pela própria sala de aula, onde o racismo pode se vestir de desinformação.

Conhecendo este cenário, busquei formação e experiência em docência do ensino superior durante o mestrado e doutorado, além

de considerar esta preparação fundamental e respeitosa para com os alunos por parte de qualquer professor; sempre foi minha estratégia enfrentar o preconceito com a qualificação.

Certa vez, durante uma aula na primeira semana de um dos estágios docentes que realizei no mestrado na UFMG, uma aluna me disse: “Mas você não tem cara de professora”; enquanto pensava no estereótipo que representa para ela a tal “cara de professora”, respondi em tom descontraído: “posso não ter a cara, mas tenho o título e a caneta”. A esse exemplo, somam-se as dezenas de vezes em que fui confundida com aluna, por alguns alunos e colegas.

Durante a minha adolescência pobre e repleta de dificuldades na periferia de Santa Luzia, cidade pertencente à Grande Belo Horizonte (MG), ousei sonhar em ser professora universitária, desde então não parei de estudar, independentemente das circunstâncias (discriminação, recursos escassos, criminalidade, doenças e perdas na família, isolamento etc.). Um misto de renúncias, resistência, bons encontros e boas orientações, bons exemplos, fé e perseverança me fez atingir o objetivo de me tornar doutora aos 31 anos.

As professoras Nilma Lino Gomes e Maria Aparecida Moura, em suas trajetórias de mulheres negras, marginalizadas e excelentes por escolha e por vocação, me serviram como inspiração em vários momentos desta caminhada.

Nos últimos três anos, ainda durante o doutorado, obtive aprovação em dois concursos públicos para professor efetivo em universidades federais. No primeiro, aprovada em 2º lugar como Professora Assistente da UFMG, pude refletir melhor sobre os mecanismos que regulam a baixa presença de professores negros em uma universidade federal. No segundo, aprovada em 1º lugar como Professora Assistente A da UFRJ, foi possível testar competências fora do meu estado de origem e abrir novas possibilidades de atuação, além de conhecer novas realidades do ensino superior brasileiro.

Em minha defesa de doutorado, realizada em 21 de agosto de 2015, na escola de Ciência da Informação da UFMG, há a finalização de um ciclo de aprendizados e superações e ao mesmo tempo um recomeço repleto de novos desafios.

Como fiz naquela ocasião, resgato uma frase do escritor moçambicano Mia Couto, que sintetiza minha percepção ao longo deste percurso de vida e universidade: “A vida é uma teia tecendo a aranha”. Em acréscimo à bela síntese de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*, que abre este artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, Nilma Lino. Programa Ações Afirmativas na UFMG: uma proposta corajosa. In: _____ & MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). *Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 37-45.
- MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil. Um ponto de vista em defesa de cotas. In: GOMES, Nilma Lino & MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). Op. cit., p. 47-59.
- POSADA, Jorge Henrique. *Desafios da causa negra no século XXI*. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=400>>. Acesso em: 19/09/2015.
- PRAXEDES, Vanda L. et al. (Org.). *Memórias e percursos de professores negros e negras na UFMG*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONEXÕES DE SABERES E OS SABERES CONECTADOS

Lutz Franthesco da Silva Rocha*

Quase dez anos depois, sento para refletir acerca dos impactos do Programa Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares, doravante intitulado mais gentilmente de Conexões de Saberes, na minha jornada. De fato, não há um modo suficiente para tal abordagem sem que se deixe escapar alguns dos encontros e dos diversos desdobramentos da passagem pelo referido programa. Certo é que o Conexões de Saberes, antes de tudo, se constituiu como uma (entre outras) escola de vida acadêmico-político-ética, que repercute (e repercutirá) a cada passo dado.

Valendo-me da constatação anterior (de que muito escapará deste relato), lanço-me sobre o desafio com o empenho de quem não pode deixar escapar entre os dedos a possibilidade de visibilizar e repercutir a relevância dos temas que se entrecruzam com este breve relato.

Minha inserção no programa se deu por seleção realizada durante o período de férias, ao término do ano letivo de 2005, ano em que ingressei no curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Um jovem de dezenove anos, vindo do município de Mucuri, Sul da Bahia, que ainda se adaptava à vida na cidade grande e aos

* Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Especialização em Gestão de Políticas Sociais Públicas e Privadas pela Faculdade Católica Salesiana. Especialista em Desenvolvimento Humano e Social do Governo do Estado do Espírito Santo.

desafios de ser um estudante de origem popular em um ambiente acadêmico insensível a muitas de suas demandas. Não que sejam feitas apenas de hostilidades, mas efetivamente as universidades públicas brasileiras não foram pensadas para os jovens com pouco (ou nenhum) dinheiro, não sendo a UFES uma exceção.

Ingressei no Conexões de Saberes instigado pelo seu subtítulo (“diálogos entre a universidade e as comunidades populares”) e seus dois principais eixos de atuação, quais sejam:

O primeiro deles é fortalecer os vínculos entre as instituições acadêmicas e os espaços populares. O outro é contribuir para uma permanência qualificada dos universitários de origem popular nos cursos de graduação, ressaltando a perspectiva de eles continuarem a sua trajetória acadêmica em cursos de pós-graduação.¹

A partir de então, minha experiência acadêmica foi marcada por estes dois eixos: aproximar minha formação dos espaços populares e permanecer com qualidade no espaço acadêmico.

Quanto ao fortalecimento dos vínculos entre a universidade e os espaços populares, as experiências de extensão universitária propiciadas permitiram o contato e a efetiva contribuição com diversas comunidades populares da Região Metropolitana da Grande Vitória. Entre as atividades desenvolvidas, que foram diversas, destacaram-se as capacitações para adolescentes e jovens e a colaboração com associações de moradores, promovidas no município de Cariacica, considerado o maior bairro de pobreza do Estado do Espírito Santo.

Cumpre mencionar que Cariacica é o município com menor receita *per capita* do Estado do Espírito Santo, conforme dados apresentados pela própria Prefeitura Municipal de Cariacica,² o que amplia os desafios ao enfrentamento das questões sociais em seu território.

No que tange à permanência com qualidade, esta extrapolou o mero “coeficiente de rendimento”, que é um “(...) índice que mede o desempenho acadêmico do estudante (...)”,³ apesar de tal item

¹ Disponível em: <<http://of.org.br/projetos/educacao-projetos/conexoes-de-saberes/>>. Acesso em: set. 2015.

² Disponível em: <<http://www.cariacica.es.gov.br>>. Acesso em: set. 2015.

³ Disponível em: <<http://www.res.ufv.br>>. Acesso em: set. 2015.

não ter sido negligenciado durante a graduação. Durante o período que passei no programa, foi-me possibilitado participar de diversas formações promovidas direta ou indiretamente pelo Conexões de Saberes, além de grupos para elaboração de trabalhos acadêmicos, atividades de extensão e, em especial, o contato direto com estudantes, profissionais e docentes de diversas áreas de formação e com o mesmo comprometimento ético e político com as transformações sociais a que o programa se propunha.

Foram dois anos intensos, de muito aprendizado e amadurecimento, por isso sair do programa foi um momento muito importante na minha vida, tanto no aspecto pessoal quanto profissional. Mas fora preciso partir.

A partir de então, minha trajetória foi balizada pelo compromisso com o social, a ética e a valorização da “coisa pública”, de modo que atuei em programas de extensão e pesquisa nas áreas de inclusão digital, saúde mental, educação popular, políticas públicas, teatro do oprimido, direitos humanos, entre outros.

Após me formar como psicólogo, em 2010, a primeira contratação enquanto profissional se deu dois meses após a colação de grau, para atuar com medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviços Comunitários (PSC), medidas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e preconizadas pela Tipificação dos Serviços Socioassistenciais (Brasil, 2009). Ocorre que era critério para a seleção a experiência em trabalho com adolescentes e jovens, bem como desejável atuação prévia no município de Cariacica. Preenchi os dois requisitos citados devido a experiências de extensão desenvolvidas na universidade, sendo uma delas o próprio Programa Conexões de Saberes.

A partir de então, tive diversas experiências profissionais. Assim, inserido e comprometido com as políticas públicas, se fez imperioso operar com a intersetorialidade, ultrapassando os limites organizacionais e trabalhando para que os ‘diversos saberes fossem conectados’. Eis um desafio perene para a administração pública, com o qual se deve lidar sem esmorecimento.

Seria exagero dizer que somente o programa influenciou minha trajetória, mas seria um erro ainda maior omitir sua importância. As marcas, principalmente no que se refere à atuação na defesa e promoção de direitos humanos são indeléveis e contribuíram para a ocupação dos espaços de que hoje participo.

Devo citar que, em 2011, fui aprovado por meio de concurso público de provas e títulos para ocupar a função de especialista em

Desenvolvimento Humano e Social do governo do Estado do Espírito Santo, sendo imediatamente alocado na então Subsecretaria de Estado de Direitos Humanos. Insta frisar que no órgão recém-criado eu fora o primeiro servidor efetivo a ser lotado, de tal modo que, desde então, venho atuando na política de direitos humanos no Estado do Espírito Santo. A referida atuação se faz pautada num exercício de reflexão constante, que se aproxima da visão exposta por Marilena Chauí, ao abordar a temática da violência, como segue:

Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. (Chauí, 1999)

Assim, o Programa Conexões de Saberes nos implicou com as violências sofridas pelas comunidades populares, não sendo mais eticamente viável permanecer inerte. O caminho percorrido decerto que me orgulha, não de modo egocêntrico, dado que foi trilhado junto a diversos parceiros e companheiros de lutas, derrotas e vitórias. No entanto, cumpre vislumbrar o horizonte, de modo a não perder de vista o muito a caminhar. E há muito ainda, muito. Como nos lembra Milton Santos:

“(...) nunca, na história da humanidade, houve condições técnicas e científicas tão adequadas a construir um mundo da dignidade humana. Apenas essas condições foram apropriadas por um punhado de pessoas que decidiram construir um mundo perverso (...).” (Santos, *apud* Tendler, 2011, p. 169-170)

Reverter essa apropriação é um compromisso de quem foi tão positivamente instigado por experiências como o Conexões de Saberes. Eis o desafio, sigamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 8.069 de 13/07/1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 21/09/2015.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília, 2009.
- CHAUÍ, M. Uma ideologia perversa. In: *Folha de São Paulo*, Caderno “Mais”. São Paulo, 14/03/1999, p. 5-3.
- TENDLER, S. *Castro Alves, Carlos Marighella, Glauber Rocha, Milton Santos. Quatro baianos porretas*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária/Edidora da PUC-RJ, 2011.

A VIDA COM CONEXÕES DE SABERES

Patrícia Leal Coelho*

*A Geografia serve,
antes de mais nada,
para fazer a guerra.*
Yves Lacoste

Durante muito tempo, estudei sobre os grandes geógrafos e filósofos, sem saber ao certo o que esta frase realmente significava. No ano de 2004, para ser mais precisa, ingressei na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no curso de Geografia. Curso escolhido por mim no ano de 2003, às margens do rio Cricaré, em São Mateus, após ver um maravilhoso pôr do sol sobre os meandros desse rio. Mas não pensem os senhores que se tratava de uma das viagens de família, ou de amigos. Mesmo por que, naquela época eu não tinha dinheiro que me permitisse tal façanha. Foi uma aula de campo, feita pelo curso pré-vestibular, no qual eu tinha bolsa. Lembro-me que questionei o professor, na época, que gostaria muito de ir (afinal, eu conheceria os municípios ao norte do Espírito Santo), mas que o dinheiro era curto, uma vez que eu era filha de uma doméstica que nas horas vagas era lavadeira. Então, ele me permitiu dividir oito parcelas de dez reais. E assim pude participar. Enfim, o Cricaré foi apenas o início dessa jornada.

No fim do mesmo ano, fui aprovada na única universidade pública do Espírito Santo. Que orgulho! A primeira pessoa, até então, a cursar o ensino superior entre os familiares. Passada a euforia da aprovação, matrícula e início das aulas, comecei a perceber que, ter entrado no curso, seria apenas a ponta do iceberg.

* Licenciada em Geografia e pós-graduanda do Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Professora da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo (SEDU), Bolsista da Capes e Pesquisadora do grupo Política Espacial das Imagens Cartográficas (POESI/UFES/CNPq).

Eu estudava no período noturno, afinal, pensava eu, conseguia logo um trabalho. Ledo engano, queridos leitores. O que se segue a isso é uma série de acontecimentos que marcaram meus quatro primeiros períodos... E que períodos!

Para começar, eu não tinha formação conceitual de muitas questões, e, devido a um ensino básico não muito bom, comecei a ter alguns problemas. Eram muitas questões: regras da ABNT, trabalhos impressos, cálculos de escala, materiais caros, aulas de campo (que nem sempre eu podia participar, devido a questões de ordem financeira), entre outros. Havia esforço e empenho de minha parte. Entretanto, sem uma rede de apoio, tudo se tornava cada dia mais nebuloso.

Eu ministrava aulas particulares, para conseguir um pouco de dinheiro, porém sempre havia necessidade de mais e mais materiais e cópias. Um belo dia, uma amiga minha de bairro, que fazia Letras (português), me encontrou entre os corredores do IC 2 e IC 3. Ela me contou que um tal de Programa Conexões estava fazendo seleção para bolsistas. Na época, eu mal sabia do que se tratava. Mas, mesmo assim, lá fui eu; me inscrevi e passei pela entrevista. Para minha surpresa, ela, a minha amiga, e eu fomos aprovadas com louvor. E na data marcada lá fomos nós. A recepção foi muito boa. Descobri nesse encontro que, assim como eu, muitas pessoas também tinham conseguido chegar ali na universidade com muito esforço. E que eu não estava tão sozinha quanto pensava.

E então, assim como na virada espacial do fim da década de 90, o ano de 2005 foi para mim uma verdadeira virada. Capacitações, oficinas e contato com pessoas de diversos cursos diferentes possibilitavam a cada encontro novas experimentações.

Fato é que o programa mudava a vida de quem participava dele, e dos que estavam ao redor. O suporte oferecido fez, na minha vida acadêmica, toda a diferença. Lembro-me dos aulões do Fórum Capixaba de Pré-vestibulares Populares (Focape), das aulas no pré-vestibular Chico Prego e tantos outros dos quais participei e que com toda certeza moldaram, e muito, minhas práticas educacionais.

Sim, senhores leitores, tornei-me professora. Formei-me com Licenciatura Plena no ano de 2008. Nesse mesmo ano, fiz um concurso para a Secretaria Estadual de Educação e fui aprovada. Lembro-me que na escolha da “cadeira” havia três escolas, duas delas na parte central do município da Serra, e uma outra a dez minutos da minha casa... Lembro-me das falas “(...) nossa você vai escolher uma escola modelo. Nada de escola do bairro”. E adivinha qual escolhi? ... Aquela escola em que eu havia feito o ensino funda-

mental e médio. Não tive dúvida. Voltei para a “minha” escola. Era a oportunidade de fazer o que a coordenadora do Programa Conexões sempre nos falava: “(...) as ações de vocês, e o que aprendem na academia, devem voltar para a comunidade onde vocês moram. Caso contrário, nossas ações não têm sentido”.

Então comecei a jornada. Uma escola com os velhos professores. E que surpresa a minha trabalhar com as pessoas que deram aula para mim. No começo, tornei-me desacreditada por parte de meus colegas (pois há, de modo geral, certa descrença sobre a autonomia jovem, não é regra, mas há). Mas não me deixei abater por essas questões. Tinha uma meta: ensinar uma geografia fora dos padrões em que eu aprendera na educação básica. Eu queria mostrar o brilho da ciência geográfica que havia enchido meus olhos lá em São Mateus... E reforçada pelo acesso aos conhecimentos acadêmicos.

Começou, então, uma grande jornada com a finalidade de possibilitar, aos meus companheiros de profissão, que aulas de campo eram necessárias. Que mostrar o empírico é tão importante quanto descrevê-lo. Minha tarefa rendeu muito. No ano de 2011, realizei uma parceria com o Laboratório Click Tok, associado à Pró-reitoria de Extensão da UFES, a fim de capacitar os alunos da escola. Logo em seguida, foi feita uma parceria com o laboratório de rochas e minerais. E assim até chegar à Fapes. Nesse mesmo ano (intitulado ano da Química), foram distribuídos *kits* para as escolas medirem o pH dos corpos hídricos. Eu não podia deixar a escola fora disso. Organizei então, com colegas da mesma instituição, com o apoio de laboratórios da UFES o “I Pedalaço: pH do Planeta”. Nele, reuniram-se em torno de 400 alunos com bicicletas, patins e skates, onde foram percorridos cerca de cinco quilômetros, e nesse percurso os alunos mediaram o pH das águas, e outros elementos. A ideia era difundir a ciência e o conhecimento científico.

No ano seguinte, o projeto foi repetido. Com um adicional. Fui chamada para participar, como avaliadora *ad hoc*, da VIII Semana Estadual de Ciência e Tecnologia. Nesse mesmo ano, sob a supervisão do Click Tok, um grupo de alunos foi coordenado por mim, no Projeto Ver Ciência, que tem por objetivo, associar curtas à produção de pequenos experimentos. No ano de 2013, submeti um projeto à feira estadual e fui aprovada. Apresentei, então, o projeto do pH em nível estadual. Nesse mesmo ano, o evento em Jacaraípe (local onde resido e trabalho) contou com a presença do então Secretário de Ciência e Tecnologia (que nos concedeu, inclusive, apoio financeiro). Nesse mesmo ano, apresentei o projeto na

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no encontro nacional de práticas do ensino de Geografia.

No fim de 2013, participei do processo seletivo para o curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia. Fiquei em 2º lugar. Atualmente, desenvolvo pesquisa na área de mapeamento colaborativo (na escola em que atuo), sou bolsista da Capes, participo de um grupo de pesquisas espaciais (Poesi) que é vinculado ao CNPq, e por fim estou desenvolvendo, com minha orientadora de mestrado, o Programa de Iniciação Científica Júnior (PIC Jr), na escola em que trabalho, financiado pela Fapes, e que terá ao todo duração de três anos. Esse último tem como finalidade difundir a pesquisa para alunos do ensino básico regular.

Se tenho orgulho do que me tornei? Ah... Talvez. Eu tenha orgulho de com quem convivi. Essas pessoas é que foram moldando aos poucos aquilo que me tornei. Sem contar com a rede de apoio que recebi, tanto da minha família (minha mãe, irmãos e agora meu esposo) – tendo paciência e perseverança comigo; meus coordenadores; professores Leonor Araujo, Cléber Carminatti, Regina Bitte (pela paciência, inteligência e sabedoria... muita sabedoria...); pelos conexistas (todos: não citarei nomes para não ser injusta) e nas eternas trocas de saberes que conseguimos construir juntos tanto nas oficinas quanto nos projetos individuais.

É realmente incrível pensar em tudo o que passamos juntos e como isso serviu/serve para o desenvolvimento de minha profissão. Hoje sou professora, com muito orgulho. Na minha comunidade. Ensinando para filhos de conhecidos e até de amigos da época de escola; me sinto feliz, quando vou fazer algo na UFES e encontro ex-alunos meus. Muitos. Na época em que eu estudava, isso era raro. Hoje é uma constante ter alunos da escola. Minha escola. A sensação é de pertencimento mesmo. Não que seja um trabalho solitário. Mas naquilo que me cabe, há influência conexista. São os rizomas deleuzianos.

A frase do começo deste texto finaliza bem meus escritos. A “guerra” de Lacoste não trata de embates ferozes com armas de fogo. Trata-se do embate cada vez mais feroz do acesso, da permanência, e acima de tudo, da permanência com sucesso de pessoas das comunidades, de certa maneira, periféricas. Que necessitam estar conectadas, de maneira sólida, à vivência acadêmica e que poderão retornar, assim como eu, à sua comunidade a fim de gestar possibilidades que venham a diminuir e/ou minimizar a diferença de acesso à educação. Quem sabe, daqui a dez anos, poderemos conversar um pouco mais. Até...

PERMANÊNCIAS E DESCONTINUIDADES

Rodrigo Marcos*

Dez anos se passaram desde a primeira tentativa de rememoração de minha trajetória estudantil e de vida. Naquele texto – “Memória em fragmentos” –, publicado na Coleção Caminhadas de Universitários de Origem Popular: UFMG, continha as experiências e reflexões de um quase formando em filosofia, entusiasmado pela docência e que pouco a pouco descobria companheiros de caminhada nas lides intelectuais e no engajamento político e social: Leonardo Boff, João Batista Libanio, Rubem Alves, Paulo Freire. O texto trazia ainda uma forte memória poética das amizades compartilhadas até ali. Transcorridos os anos, é natural que haja descontinuidades em nossas visões e companhias. Mas também existem permanências. Neste espaço apontarei ambas as coisas. E tal como naquele texto refletirei sobre os anos entre 2005 e 2015 de forma não sistemática.

A participação no Programa Conexões de Saberes ocorreu em um momento de intensa transformação pessoal e dentro de um contexto de certo entusiasmo no âmbito coletivo. Afinal, o Brasil ensaiava algumas transformações importantes como o combate à

* Professor de Filosofia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

miséria e a ampliação do ensino superior, conquistas hoje ameaçadas dada a conjuntura mundial desfavorável e as atuais opções governamentais. Pessoalmente experienciava um conjunto de atividades muito significativas para minha formação profissional e existencial: a docência em filosofia através de um pré-vestibular comunitário; um trabalho (pouco eficaz) como alfabetizador de adultos; pesquisas no Grupo Filosofia Brasileira (Fibra/UFMG) e no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Pensamento Complexo (Neppcom /FaE/ UFMG). Essas atividades, somadas às tarefas e discussões dentro do Conexões, criaram um verdadeiro alvoroço afetivo-intelectual em mim. Questionaram visões e ideias estabelecidas e permitiram a tomada de consciência de duas tarefas que tomei como fundamentais em minha futura prática docente: a construção de uma memória coletiva, a partir dos oprimidos, e o combate às discriminações.

A primeira tentativa de uma elaboração teórica nesse sentido ocorreu com a realização do mestrado em filosofia da religião na Faculdade de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE) entre os anos de 2007-9, onde estudei graças a uma bolsa de estudos. Nesta instituição, pude realizar uma primeira sistematização de ideias importantes para forjar uma visão de mundo, no dizer de Boaventura de Sousa Santos, contra-hegemônica. Dediquei-me à pesquisa da relação entre religião e política no pensamento de Leonardo Boff, um dos arautos da teologia da libertação, e de uma reflexão a partir do sul do mundo. A orientação do professor Paulo Margutti foi imprescindível não só para o bom andamento do mestrado, mas também para me aproximar da filosofia brasileira, uma vez que o professor coordenava o grupo Fibra. A participação nesse grupo abriu-me outras veredas filosóficas. Ajudou-me a questionar o eurocentrismo da filosofia acadêmica e perceber como é possível pensar filosoficamente o Brasil, as nossas questões. Como resultados dos estudos na FAJE e no Fibra, ficaram a publicação da dissertação pela Editora Loyola (*Cristianismo libertador: religião e política em Leonardo Boff*, 2010) e um olhar mais desconfiado sobre a história da filosofia que nos contam nas instituições oficiais.

Outras experiências significativas foram o trabalho no ProJovem Campo e a docência na PUC-MG. Através do ProJovem, percorri um pouco do interior de Minas Gerais, especialmente o Vale do Jequitinhonha. Ao acompanhar o trabalho dos professores das escolas públicas, ficou clara a dificuldade de implementação de uma nova proposta pedagógica sem o cuidado necessário com a formação dos professores e uma infraestrutura adequada. Sem esses dois

requisitos, cai-se inevitavelmente na repetição de práticas convencionais, ainda que os professores estejam bem-intencionados. Já a experiência na PUC, além de ter sido meu primeiro trabalho profissional remunerado, me colocou em contato com a rede privada de ensino superior, sua dinâmica e suas exigências. O maior desafio era tornar a filosofia significativa para um público diversificado: Engenharia, Nutrição, Pedagogia, Direito, Enfermagem. Um bom desafio pedagógico e filosófico, pois nos obriga a sair de uma certa “zona de conforto” (dialogar apenas com interessados) e abandonar os jargões para que nosso discurso seja inteligível.

Não poderia deixar aqui das atividades desenvolvidas na UFMG após a graduação. A docência como Professor Substituto de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação. Período curto – apenas um semestre –, porém importante, para testar alguns métodos de ensino e organizar um conjunto de reflexões sobre a área. Mas certamente o trabalho fundamental foi realizado no Neppcom. Aí vivenciei algo muitas vezes pregado e poucas vezes concretizado na universidade: a interdisciplinaridade. Foi no diálogo com pedagogos, psicólogos, sociólogos, estudantes de distintas áreas, educadores sociais, poetas, professores de Educação Física que desenvolvi uma percepção mais plural do conhecimento e de minha própria área de atuação. As atividades eram múltiplas: disciplinas na graduação da Pedagogia, cursos de extensão, eventos, grupos de estudo.

Em 2011, uma mudança de região. Fui para o Mato Grosso trabalhar no Departamento de Filosofia da UFMT. Havia passado no concurso público no final do ano anterior. No centro-oeste do país me encontro. Novas terras, novas gentes, novas experiências. Aqui pude dar maior sistematicidade a alguns projetos (sobretudo com respeito à filosofia brasileira e latino-americana) e me dedicar à formação de professores. Os poucos anos de trabalho na UFMT apresentaram, no entanto, uma considerável diversidade. Além da pesquisa, docência na graduação em filosofia e extensão (com cursos de duração variável), assumi por dois anos a coordenação do curso de licenciatura e estou no terceiro ano da coordenação da área de Filosofia no Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid). O Pibid¹ é certamente um dos principais programas de formação de

¹ Para informações gerais sobre o Pibid, ver: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Para informações sobre o Pibid Filosofia da UFMT, ver: <<http://pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt/>>.

CAMINHADAS DEZ ANOS DEPOIS

professores, pois promove a articulação entre escola e universidade e a inserção do licenciando no contexto escolar logo no início de sua graduação. Constitui-se num campo privilegiado de experimentação pedagógica e trabalho coletivo. Possibilita rever e inovar as práticas pedagógicas. Infelizmente esteve e está ameaçado pelo ajuste fiscal recentemente promovido. Seria um retrocesso perder o programa que começa agora a colher seus frutos e representa uma autêntica inovação em termos de política pública de educação no Brasil.

Aqui está um pouco de minha trajetória após a passagem pelo Conexões de Saberes. Da mesma forma que no texto escrito há dez anos, não posso deixar de lembrar das amizades e dos amores que me constituíram. Dedico, assim, estas linhas aos amigos Alécio e Walter, companheiros de caminhada nas terras mato-grossenses. E com uma alegria e ternura especial à Carol.

SER NEGRA EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Sheila Manço dos Santos*

INTRODUÇÃO

O presente texto visa fazer uma retomada do meu período acadêmico, porém, antes de se chegar a esse ponto, será feita uma breve retomada de pequenas situações que influenciaram a minha entrada e permanência em uma universidade pública.

No decorrer do texto, serão trazidos alguns teóricos e teorias pertinentes às colocações feitas acerca desse ser negra, ser mulher e ser de universidade pública e da caminhada dessa estudante de origem popular à universidade pública.

O CAMINHO NA UNIVERSIDADE

Atualmente tenho 32 anos, sou filha de Ozamira Rosa Manço dos Santos. Cursei Letras na Universidade Federal de Goiás (UFG). E para um sistema que espera pouco ou nada de jovens de origem pobre, eu o contrariei. Para que chegasse até a universidade o caminho foi difícil, pois, como já disse, sou de origem popular e, como alguns ainda dizem, sou mulher e negra e a única profissão que muitos me ofereciam era o de doméstica. Não que isso seja vergonhoso, ao contrário, foi graças a uma doméstica e depois gari que consegui por um tempo pagar a passagem e as cópias da faculdade.

* Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora de Língua Portuguesa.

Mas não foi por isso que desisti de meus ideais, de meus sonhos, eles apenas me deram mais força para que eu fizesse diferente. Nas fases de minha vida, uma canção sempre fez e foi também um trecho dela que destaquei no convite de formatura, e é partindo disso que trago um trecho dela que amo muito e que, eu creio, me “representa”; tal canção chama-se “Águia Pequena”, de Padre Zezinho:

Tu me fizeste uma das tuas criaturas\ Com ânsia de amar\ Águia pequena que nasceu para as alturas\ Com ânsia de voar\ E eu percebi que as minhas penas já cresceram\ E que eu preciso abrir as asas e tentar\ Se eu não tentar não saberei como se voa\ Não foi à toa que eu nasci para voar.

Assim como a águia almeja voar e chegar ao alto, eu também nasci para voar e correr atrás de meus ideais. Foi por esta razão, e em meio a tantas dificuldades, que fui atrás de meu sonho, que era fazer faculdade em uma universidade pública, pois diferente de muitos não tinha condições e nem meios de ingressar em uma universidade particular.

Após passar por cursinhos comunitários, um na Igreja Matriz de Campinas, em Goiânia-GO e outro na Casa da Juventude Padre Burnier, e contar com a força de professores maravilhosos, entrei finalmente na UFG no ano de 2008, em segunda chamada, mas entrei, afinal não me importava a colocação, e sim, a realização do ingresso na universidade.

Com algum tempo na universidade, fiquei sabendo do Programa Conexões de Saberes por meio de um amigo. Fomos juntos fazer a inscrição. Logo nos chamaram para fazer parte. Como contrapartida devíamos participar de reuniões semanais para formação, de algum grupo de estudo do nosso curso, e, por fim, fazer alguma extensão, por exemplo, ajudar no cursinho comunitário que tem ou tinha na UFG ou ajudar nos pontos de cultura que nos foram sugeridos, os quais poderíamos escolher.

Como foi dito acima, eu teria que participar de algum grupo de estudo, e certo dia andando pelo pátio do meu curso, vi o convite para participar do grupo Nelim, que até então se chamava Núcleo de Estudo do Imaginário, mas que atualmente foi modificado e passou a se chamar Núcleo de Estudo de Ecolinguística e Imaginário, o qual é organizado pela Professora Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto.

Foi a partir do Conexões de Saberes que participei desse núcleo e como fruto dele consegui uma outra bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e enquanto eu aguardava sua vigência fiquei uns dois ou três meses com a Bolsa Permanência concedida pela UFG, com a qual eu desempenhava o papel de monitora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação (Cepae).

Depois do término de meu período no programa, e da breve passagem pela Bolsa Permanência, fiquei um ano com o Pibic, no qual desenvolvi uma pesquisa acerca do imaginário e da identidade negra, que recebeu o título de *Imaginário e Identidade dos Personagens Negros na Literatura Infantojuvenil*. Foram analisadas três obras literárias: *Felicidade não tem cor*, de Júlio Emílio Braz; *A cor do preconceito*, de Carmen Lucia Campos, Sueli Carneiro e Vera Vilhena; e *A cor da ternura*, de Geni Guimarães.

Quase ao final do curso, fui convidada a reapresentar esse mesmo projeto, que antes fora apresentado de forma oral para avaliadores do CNPq durante a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que aconteceu em Goiânia; posteriormente, sua reapresentação foi em forma de pôster, apresentado na SBPC que aconteceu em São Luís (MA).

Também trabalhei o negro no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual deveria ser fruto de um projeto aplicado em uma escola onde fazia o estágio obrigatório, que abordou o *ethos* e a identidade do negro em textos literários, músicas, filmes (seriados), uma experiência vivenciada no Cepae da UFG.

Formei-me no tempo previsto, ou seja, em quatro anos, fiquei um tempo parada, só depois de quase um ano trabalhei em duas escolas públicas da cidade onde moro. Atualmente, sou corretora de redações em uma escola tradicional e particular de Goiânia e leciono em outra. Pretendo fazer meu mestrado e doutorado e ainda, quem sabe, muito em breve ser professora acadêmica.

A TEORIA APLICADA À REALIDADE

Após fazer essa retomada, é interessante passar por alguns teóricos e teorias que conheci durante o tempo em que estive na universidade. Uma dessas teorias é a da análise do discurso que por ora não será explicada, pois o que se deseja é trazer um termo desse discurso que é o *ethos*, o qual, segundo Maingueneau, consiste em causar boa impressão na forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o outro que te olha ganhando

sua confiança. Ele ainda diz que antes que se forme um *ethos* de alguém há o mostrado e o dito, ou seja, o que os outros pensam e dizem e o que de fato sou.

Partindo desse conceito, retomo o que falei do negro no início de minhas colocações, o negro, por vezes, é visto como o pobre, o bandido e, se mulher, a empregada, a cor do pecado, a prostituta. Na minha realidade, isso não foi diferente, sendo mulher e negra, muitos que passaram por minha vida me disseram que não seria nada, mas ao me encontrar com o Conexões de Saberes pude conhecer um pouco mais desse ser negro por meio das palavras do Professor Alex Ratts em um dos dias de formação.

E foi por meio dessas colocações, desse e de outros professores do Conexões, que consegui levantar a cabeça e fazer diferente, sou negra sim, mas diferente do que muitos imaginam e dizem do negro, consegui entrar em uma universidade pública, já que o *ethos* que muitos tinham de mim, que seria mais uma doméstica na família e cheia de muitos filhos, cada um de um pai, fato que graças ao bom Deus e por minhas próprias escolhas não aconteceu.

CONCLUSÃO

Ao contrário do que muitos pensam e dizem do negro, das pessoas do meio popular, de que temos uma pseudo competência, pelo que sei, e até onde pude ver, todos que passaram pelo Conexões tocaram bem suas vidas, cada um fazendo como a águia, procurando um lugar no alto, sem pisar e massacrar como alguns. Afinal, viemos de baixo e sabemos muito bem como é fazer parte do meio popular e lutar em uma universidade pública para encontrar o tão sonhado lugar ao sol rompendo com o preconceito sobre o negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: _____. MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-29.
- ZEZINHO, Padre. Águia pequena. Disponível em: <<http://letras.mus.br/padre-zezinho/291091/>>. Acesso em: 14/09/2015.
- FIORINDO, Priscila Peixinho. *Ethos*: um percurso da retórica à análise do discurso. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/ethos/priscila.pdf>. Acesso em: 14/09/2015.

SOBRE MEMÓRIAS, POSSIBILIDADES E QUERERES

Soraya Martins Patrocínio*

Só quero construir meu caminho, plantar meu pequeno jardim com girassol e não perder de vista a minha paz. Assim termino o meu texto, em 2006, sobre a minha caminhada de universitária de origem popular. Claro que ainda estou construindo meu destino/caminho – é um processo sempre no gerúndio. Se penso num futuro porvir, não posso me esquecer do passado: as minhas memórias são fundamentais para o que sou hoje e para o que serei nesse porvir.

No baú de miudezas das minhas memórias, o Conexões dos Saberes foi um projeto divisor de águas na minha caminhada, pelo grandíssimo fato de ter me dado possibilidades, me despertado para uma consciência crítica e me fazer perceber negra. Isso foi determinante e libertador para seguir forte, sabendo, sobretudo, do meu lugar de fala.

Quando olho para trás e revejo/revivo os meus últimos dez anos, fico com muito orgulho de mim, não em um sentido narcisista, mas no sentido de ter agarrado as possibilidades que me foram colocadas. Queria possibilidades para todo mundo!

Formei-me em Teatro e Letras, batalhei e conquistei uma bolsa para fazer parte da minha graduação no exterior, voltei, batalhei e conquistei uma segunda bolsa para uma especialização tam-

* Graduada em Letras (Português e Italiano) e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atriz, Pesquisadora de Teatro Negro, Professora e Tradutora.

bém no exterior. E do outro lado do mundo, vi pulsando ainda mais a minha identidade negra, num processo louco de me enxergar distanciada de mim mesma, de ajustar o foco do olhar e de perceber a minha própria negra riqueza de uma perspectiva alternada. Volto para o Brasil, estudo e conquisto uma vaga no mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nessa altura do jogo, dentro dessa instituição, eu só queria – e poderia – estudar a cultura negra dentro do âmbito da Literatura. Por dois anos, estudei o processo – psicológico e político- de tornar-se negro do protagonista de *Sortilégio*, de Abdias do Nascimento; do protagonista de *Anjo negro*, de Nelson Rodrigues; e dos atores/*personas* da Companhia dos Comuns. E para minha felicidade, desde 25 de fevereiro de 2013, sou mestre em Estudos Literários. A primeira mestre da família!

Colocar data, dizer que sou a primeira mestre da família, pontuar que batalhei e conquistei uma bolsa de estudos, estudei e superei as etapas para ser aprovada em uma pós-graduação, me mostra que é sempre importante lembrar e lembrar, entre outras coisas, de onde venho e ter consciência, acima de tudo, dentro da perspectiva da minha origem popular, que esse batalhar e conseguir não está no campo exclusivo do meu esforço (vim e venci sozinha!), mas é o resultado a partir das possibilidades ofertadas. Por isso, queria possibilidades para todo mundo.

Se hoje sou atriz, pesquisadora de teatro negro, professora e tradutora, com uma identidade mais afrocentrada, se pude viajar, adquirir livros e outras coisas igualmente importantes, é porque, também, sou fruto de ações afirmativas que possibilitaram a minha permanência com dignidade dentro de uma universidade pública. Se batalho para conquistar, agora, uma vaga no doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada é porque lá atrás me ensinaram que também posso, se quiser, ocupar esse lugar, que histórica e socialmente me foi negado. E cada vez mais, sei que estar e ocupar tal espaço, falando de e como negra, é uma microação política que já não pode ser mais separada dos meus estudos acadêmicos. Essa consciência do lugar de fala que o programa me despertou, felizmente, não tem volta.

Atualmente, trabalho como tradutora e professora de italiano em uma grande empresa da região metropolitana de Belo Horizonte, lá as pessoas me enxergam como o exemplo vivo de que “basta querer que você consegue chegar lá”. A falta de dinheiro para coisas mínimas, como tirar xerox, pagar a passagem do ônibus e fazer um lanche mísero, a dificuldade em ter acesso a bens culturais,

que fazem muita diferença, enfim, a falta de tranquilidade para se concentrar numa biblioteca e estudar (entre tantos outros fatores e situações complexas) é facilmente apagada se você tiver força de vontade. Fico pensando nas milhares de pessoas que transbordam força de vontade e não “chegaram lá” – não estou dizendo que o fim mais nobre para uma pessoa seja necessariamente a universidade, há outros caminhos e quereres superdignos que não passam pelo ensino superior, “chegar lá” é usado no sentido de ter, de alguma forma, burlado uma etiqueta/herança social da “falta”. O que aconteceu com elas? Elas se perderam?

Volto ao que é para mim o mote desse texto: possibilidades. É o que me faz estar aqui tendo a oportunidade de compartilhar parte da minha história-memória, meu ponto de vista e sonhar sonhos para serem realizados num futuro próximo. Por isso, quando reabro o baú de miudezas das minhas memórias, o Conexões dos Saberes brilha de forma especial entre outras tantas miudezas. Às pessoas que transbordam força de vontade, e não “chegaram lá”, foram negadas possibilidades e oportunidades. Logo, eu não sou o exemplo vivo do “basta querer” (querer todo mundo quer), como pensam os colegas e os alunos.

Refletir sobre a minha caminhada desde 2006, é um exercício de memória-conhecimento que me impulsiona para frente, reforça minhas esperanças e ambições. Dez anos depois, continuo querendo plantar meu pequeno jardim com girassol e não perder de vista a minha paz, mas, cada vez mais, quero iguais perto de mim, cada um com o que acha que é o seu próprio jardim com girassóis – que para mim significa também sonhos, desejos, oportunidades, realizações, dignidade e potência.

Assim, vou seguindo em frente, esperando os próximos dez anos por vir. Esperando mais ações políticas que potencializem e transformem vidas, num ciclo cada vez mais de inclusão. Não quero ser a primeira e única mestre da família ou da minha vizinhança, quero, entre os meus iguais, mais graduados e mestres e doutores, se assim as pessoas quiserem, de nenhuma maneira isso tem que ser uma camisa de força, quero, fundamentalmente, pessoas com mais possibilidade de conhecimento, lazer, escolha e informação. Dez anos depois, sou Soraya Martins, tenho 32 anos, negra, sonhadora, atriz, utópica (e por que não ser?), professora, esperançosa, tradutora, questionadora, pesquisadora e, de novo, sonhadora de possibilidades/oportunidades para todo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PATROCÍNIO, Soraya M. Pequeno Recorte. In: *Caminhadas de universitários de origem popular*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pró-Reitoria de Extensão, 2006, v.1, p. 116-117.

SITES CONSULTADOS

- <<http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Caminhadas-de-universitarios-de-origem-popular>>. Acesso em: 12/09/2015.
- <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>. Acesso em: 12/09/2015.
- <<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/13/abdiасcritica01.pdf>>. Acesso em: 12/09/2015.
- <<http://www.horizontedacena.com/dossie-espanca-o-doce-amargor-dafabula>>. Acesso em: 12/09/2015.
- <<https://rededepesquisasemfavelas.files.wordpress.com/2012/05/434.pdf>>. Acesso em: 12/09/2015.

CAMINHADAS DEZ ANOS: AS TRILHAS DA VIDA

Thalyta Botelho Monteiro*

Estudante de escola pública, moradora de bairro de periferia, Albina, problemas visuais, mulher, nascida e criada na região metropolitana da Grande Vitória – Espírito Santo, tive acesso à educação em escola pública, vivenciando assim todos os ônus e bônus por ela promovida. Participei da escola em todas as suas potencialidades, desde grêmios estudantis, eventos culturais a monitoria em bibliotecas, onde pude ampliar meu conhecimento a respeito da educação e da promoção do conhecimento.

Com o ensino fundamental e médio cursado em escola pública, não foi fácil ingressar na universidade. Foram muitas greves e ausência de professores. Para tal, estudava em casa nas horas vagas após o trabalho, fato que me levou à aprovação no curso de Artes Visuais na universidade. Não há meritocracia. Tive sorte. Meritocracia eu teria se as oportunidades de estudo fossem iguais a todos. Precisamos aprender muito sobre igualdade e justiça ainda hoje. Ensinamento e reflexões que me foram permitidas com a inserção no programa. Carrego vários estereótipos advindos de uma sociedade machista e preconceituosa. Preconceito este que muitas vezes é naturalizado, visto de forma comum. Por estes fatores, a batalha era e ainda é diária e constante. Mas neste caminho há a quebra de paradigmas,

* Licenciada em Artes Visuais, Especialista em Artes na Educação e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

que permito chamar de Conexões de Saberes. Programa específico para alunos de origem popular dentro de uma sociedade acadêmica hegemônica. Participar do primeiro grupo foi uma honra. Carregamos também ônus, mas os bônus perpetuam-se ainda hoje. E é nessa perspectiva que as memórias surgem.

Ao rememorar minha entrada na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), lembro-me das inúmeras dificuldades que passei para ingressar e concluir o curso superior. Fazer uma licenciatura em Arte, terceiro curso mais caro na época, mesmo estando em uma universidade federal, foi um desafio imensurável. Muitas vezes pensei em desistir, pois não tinha condições financeiras de me manter na instituição. Há 10 anos, as oportunidades não eram as mesmas de hoje. Não tínhamos cotas nem auxílios. As informações eram garimpadas. Quando o programa surgiu, em 2005, iniciava o segundo ano da faculdade e com uma vivência muito sofrida pela ausência de recursos.

Em uma aula de história da Arte, em que a professora sugeriu a compra de um livro que custava o salário dos meus pais, cheguei à conclusão de que aquele lugar não me pertencia. Saí da sala. Não tenho como lhes dizer de fato como me senti, apenas não me senti dali. Dedicar-me não era o suficiente. Precisa-se de materiais para as disciplinas. Uma semana se passou, e minha certeza de não pertencimento àquele espaço aumentava em função da ausência de recursos financeiros, no entanto, eis que uma colega de sala chega toda sorridente, dizendo que em um dos murais havia a informação de um programa de estágio/iniciação científica para estudantes de origem popular, e que eu me enquadraria nos requisitos. Requisitos que exigiam que a família não somasse uma determinada renda per capita, ter estudado em escola pública, entre outros quesitos. Fato! Eu me enquadrava. Fui aprovada no processo seletivo e mesmo ficando sete meses sem receber a bolsa (não posso negar que foi um grande aprendizado), aprendi a lutar pelos direitos e entender a coletividade implicada neles.

O curso de Artes Visuais junto ao programa trouxe-me uma nova visão sobre a educação e sua situação no país. Debates sobre postura, métodos e conteúdos eram discutidos e associados ao conceito de arte estabelecido pelas novas pesquisas em arte-educação, vinculada à iniciação científica. Estudamos vertentes educacionais e suas políticas públicas baseadas em nossas histórias de vida.

Relembrar o Conexões de Saberes é uma sensação quase que inenarrável. É surpreendente refazer essa trajetória. Foram muitas

mudanças. Vivenciei a Resiliência: De estudante de origem popular, acreditando que o curso superior era tudo, a mestre em educação e na batalha pelo doutorado e um intercâmbio no exterior.

A base de pesquisa que tenho hoje foi dada pelo Conexões. As nossas vivências e experiências eram muito importantes, mas desenvolvemos o processo de investigação, uma busca por fontes. Tentar entender por vias históricas, culturais e sociais os motivos pelos quais nossos direitos eram negligenciados. Escrevemos relatórios, artigos, participamos do movimento em favor das cotas, buscamos políticas de ações afirmativas para a permanência na instituição. Possibilitar isso na universidade foi muito importante. Pensei em desistir, mas não me permiti, o Conexões não me permitiu desistir. Aprendi que posso sonhar e ter perspectiva de realizá-lo.

O CAMINHO...

Licenciada desde 2007, no entanto, lecionando desde 2003, obtive experiência na educação com a disciplina de Arte, onde atuo até hoje em escolas públicas. A arte tem a capacidade de fazer o sujeito refletir. Arte é conhecimento, é linguagem e expressão. Por ela o homem se comunica. Neste sentido, vejo este ensino como primordial na infância, sendo capaz de ampliar o repertório histórico e cultural por meio da imagem.

Em 2008, a primeira pós-graduação, especialista em arte na educação. Em 2009, o ingresso na Educação à Distância como tutora a distância do curso de Artes Visuais na modalidade semipresencial, onde trabalhei por cinco anos. A educação a distância trouxe, não só para mim, mas para os estudantes e professores, grandes desafios. O primeiro, com o uso das novas tecnologias da informação, e o segundo, a necessidade presencial de um mediador de conhecimento. No primeiro semestre de 2010, ingressei na segunda especialização: Mediação de educação a distância concluída em dezembro de 2011, promovida pela UFES.

Toda a experiência com a educação básica regular e o ensino superior na qualidade de tutora apresentaram a perspectiva da pesquisa no âmbito do mestrado.

Pertencente à turma 25 do Mestrado em Educação na linha Educação e Linguagem, defendi minha dissertação aos 28 dias do mês de maio, intitulada Cinema de Animação no Ensino de Arte: a Experiência e a Narrativa na Formação da Criança em Contexto Campesino, pesquisando sobre o cinema de animação, a arte, a educação e as experiências das crianças com a produção de cinema,

valorizando assim suas narrativas orais e visuais, ampliando seus repertórios. Em uma realidade oposta à minha, a educação do campo. Elementos que me levaram à pesquisa sobre estes sujeitos e a um encantamento sobre suas práticas e postura perante as dificuldades cotidianas.

O curso de mestrado levou-me ainda a conhecer outras culturas por meio de produções acadêmicas. A primeira, foi a participação no DokKoll, grupo de pesquisa da Universidade de Siegen – Alemanha, junto aos professores PD Dr. Imbke Behnken e Bernd Fichtner, tomando reflexões sobre a importância da própria experiência e suas contribuições para o ensino. Em um segundo momento, no II Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para La integración en el Conosur Internacional del Conocimiento: Diálogos en nuestra América, em Bogotá – Colômbia, com a apresentação de dois artigos: a apresentação da dissertação de mestrado e um objeto de aprendizagem realizado para o curso de artes visuais na modalidade a distância.

Outros trabalhos em eventos internacionais foram apresentados: Objeto de Aprendizagem – auxiliando práticas de leitura de imagens realizado no VI Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologias *online* (2012). E também na Associação Brasileira de Estudos de Hipertextos e Tecnologias Educacionais (2013). Além do III Congresso Internacional Universidade Federal do Espírito Santo/ Université Paris-Est/ Universidade do Minho – territórios, poderes e identidades (2011).

No Brasil, a participação no, Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (GRUPECI) em 2012, onde apresentamos coordenadamente com o grupo de pesquisa Infância, Imagens e Tecnologias suas produções acadêmicas.

Junto ao grupo de pesquisa Infância, Imagens e Tecnologias, elaboramos o artigo “Imagens da Guerra NA Infância no Brasil”, apresentado no Congresso Infância e Pedagogia Histórico-Crítica, realizado na UFES em 2012.

Há a participação nos últimos Seminários sobre o Ensino da Arte, em 2011, 2013 e 2015, com apresentação de comunicação. De dois em dois anos ocorre o Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte, que abarca as experiências acadêmicas e relatos educativos de professores sobre o tema.

A respeito do ensino de Arte, é relevante citar o Congresso da Federal de Arte Educadores do Brasil (CONFAEB), ocorrido no final de 2012, abordando a temática da criança e as novas tecnologias.

Ao iniciar o mestrado em Educação, trabalhava como professora efetiva de uma rede municipal de ensino, onde estudei e trabalhei por todo o ano de 2011. No entanto, no início de 2012, pedi exoneração do cargo para dedicar-me exclusivamente às pesquisas acadêmicas, quando obtive bolsa Capes. A oportunidade de ser bolsista aproximou-me ainda mais do campo e do sujeito da pesquisa. Fiquei submersa nos procedimentos de estudo e percebo o quanto cresci e aprendi nesse período.

PRÓXIMAS TRILHAS...

Relembrar dez anos de caminhada me fez perceber o quanto conquistei. Para alguns, pode não ser muito, mas, para mim, rememorar esta história mostrou-me as novas trilhas que tenho de buscar.

Buscar novas trilhas, novos horizontes, não significa esquecer as origens e sim possibilitarmos estratégias que vislumbrem caminhos menos tortuosos para aqueles que vêm atrás. Hoje percebo o quanto cresci intelectualmente, mas o quanto me ampliei socialmente. Quero a busca de um Estado de direitos, de qualidade e de justiça. Não precisa ser árduo para todos. Quero uma universidade que promova a inclusão. Quero que outros tenham a possibilidade de voltar a sonhar como eu.

A CAMINHADA NUNCA TERMINA.

DEZ ANOS DEPOIS DO

CONEXÕES DE SABERES

Thiago José A. Nascimento*

INTRODUÇÃO

Já se passaram quase dez anos desde que ingressei no Programa Conexões de Saberes. Era um programa do governo federal, desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do MEC nas universidades federais do Brasil. Na condição de bolsista, fiz parte de projetos que buscavam conectar a universidade às comunidades pobres existentes em seu entorno, bem como promover o acesso e permanência de estudantes oriundos de espaços populares e egressos da rede pública de ensino à Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Durante dois anos, pude desenvolver diversas atividades de extensão e pesquisa, sendo o presente texto mais um fruto de minha participação no programa, trazendo reflexões pertinentes ao Conexões e um breve relato de minha trajetória acadêmica e profissional após o término da graduação e minha saída do programa.

O INGRESSO NO PROGRAMA

Na ocasião da aprovação no vestibular para o curso de História da UFAL, no final de 2003, um tema começou a me incomodar: o acesso de estudantes de origem popular ao ensino superior.

* Licenciado em História e Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Técnico em Assuntos Educacionais da Escola Técnica de Artes da UFAL. Bolsista do Conexões de Saberes entre 2006 e 2007.

Como morador da periferia de Maceió, e vindo de família pobre, pude observar a dificuldade que os jovens tinham para entrar na universidade. Muitos que tinham crescido no mesmo bairro que eu e estudado nas mesmas escolas não conseguiam passar no vestibular. Terminar o ensino médio e cursar a faculdade escolhida parecia natural para mim naquela época. No entanto, não era o que acontecia com a grande maioria dos jovens da periferia, principalmente os que estudavam em escolas estaduais. Mesmo sem pesquisar de fato o tema era possível perceber como as condições socioeconômicas exerciam grande influência sobre os candidatos às vagas da universidade. Foi nesse período que começaram no Brasil os debates sobre acesso e permanência, sistema de cotas, ações afirmativas etc., e foi nesse contexto que conheci o programa Conexões de Saberes em 2006.

Após a seleção de bolsistas, comecei a trabalhar no programa, onde criamos o curso pré-vestibular comunitário Conexões de Saberes. Este cursinho foi sendo ampliado ao longo dos anos e ajudou na aprovação de centenas de alunos da periferia à universidade. Foi a minha primeira experiência em sala de aula, a primeira vez elaborando material pedagógico, e foi também um trabalho extremamente gratificante já que era possível ver os resultados a cada vestibular. Fui bolsista durante os anos de 2006 e 2007. Neste período, além do pré-vestibular, auxiliei em outros projetos do programa na UFAL, participei de eventos e cursos, realizei pesquisas, além de ter atuado em diferentes comunidades populares de Maceió. Na ocasião, escrevi (assim como os demais bolsistas) dois textos que foram publicados, como parte da produção do programa no Brasil; um artigo científico que veio a público na Coleção Grandes Temas do Conexões de Saberes e um memorial da Coleção Caminhadas de Universitários de Origem Popular. Ambas foram publicadas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tiveram várias edições, com textos de universitários das várias universidades que participaram do programa. Posso afirmar que o Conexões de Saberes contribuiu muito na minha formação acadêmica, profissional e também pessoal, ajudando a criar fundamentos que me foram úteis nos anos posteriores.

PARA ALÉM DO CONEXÕES DE SABERES

Em minha caminhada pós-Conexões, participei, ainda em 2007, e junto com alguns amigos, do Projeto Episteme, de extensão, que consistia em aulas de História, Filosofia, Cidadania, Biologia e

Espanhol para adolescentes em situação de vulnerabilidade social, e acontecia em uma escola estadual de um bairro da periferia de Maceió, com altos índices de criminalidade. As pessoas envolvidas nesta atividade de extensão tinham sido do Conexões e o trabalho realizado no programa nos anos de 2006 e 2007 foi o que nos deu inspiração para o Projeto Episteme, que foi finalizado em 2008 com ótimos resultados junto à comunidade.

Após o término da graduação em História, saí do programa e comecei a lecionar em uma escola particular em Maceió. Fiquei com as turmas noturnas do ensino médio e algumas de supletivo. Neste mesmo período, fui aprovado em uma seleção, aberta pela Secretaria Estadual de Educação, para monitores. Como consequência disso, fui dar aula na rede estadual em uma escola em outra cidade, Barra de Santo Antônio, e tive que sair da escola em que estava trabalhando. Era ainda o primeiro semestre de 2008. Assumi então 30 horas-aula semanais naquele município (de História, Filosofia e Sociologia) e viajava para lá quatro dias por semana. Saía de casa por volta das onze da manhã para pegar o ônibus da prefeitura e voltava depois de meia noite. No entanto, foi uma época muito boa e era prazeroso dar aula naquela cidade. A escola ficava na Ilha da Croa e atravessávamos o rio Santo Antônio em embarcações para alunos e professores, ou mesmo em canoas (isso foi antes de construírem a ponte). Durante 11 meses, fiquei dando aula lá, mas decidi sair por causa do mestrado. Em julho de 2008, fiz a seleção do mestrado em Serviço Social da UFAL e passei em primeiro lugar. Então busquei conciliar o mestrado com as aulas na Barra, por meio de redução de carga horária, porém acabei entregando todas as aulas, já que era bolsista da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e não queria ficar recebendo bolsa e trabalhando ao mesmo tempo. É importante dizer que a participação no Conexões de Saberes me ajudou a ser aprovado no mestrado, já que uma das fases da seleção era a defesa de um projeto de pesquisa e eu elaborei um projeto tratando de questões relacionadas ao preconceito racial e à desigualdade social em Maceió. Este tema foi muito estudado e debatido quando eu estava no Conexões, inclusive com a publicação de artigos dos conexistas tratando de temas como este. finalizei o mestrado em 2010, escrevendo a dissertação sobre outro tema, fazendo uma pesquisa diferente da apresentada na seleção, no entanto, não se pode negar a contribuição e importância dos aprendizados adquiridos no período em que fui bolsista do Conexões de Saberes.

Ainda durante o mestrado, comecei a prestar concursos públicos, buscando estabilidade financeira e a oportunidade de servir à sociedade trabalhando em alguma instituição pública. Entre 2009 e 2011, fui aprovado em quatro concursos federais: dois da UFAL, sendo um de nível médio (Assistente Administrativo) e um de nível superior (Técnico em Assuntos Educacionais) e dois do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) para Professor de História, sendo um substituto e outro efetivo. Pude ser chamado em todos estes concursos para assumir as vagas no ano de 2011 e tive a oportunidade de escolher em qual ficar. Acabei me decidindo pelo cargo de Técnico em Assuntos Educacionais da UFAL, que tenho exercido desde maio de 2011. Também passei alguns meses dando aulas de História e Filosofia a distância, via satélite, em uma empresa de EaD (Educação a Distância), no Projeto EJA Brasil, e as aulas faziam parte de um curso supletivo que os alunos faziam em suas cidades. Esta foi, juntamente com o tempo que dei aula em uma escola após a conclusão da graduação, minha única experiência na iniciativa privada. Toda minha vida profissional foi desenvolvida dentro de instituições públicas.

Em 2010, eu estava escrevendo a dissertação de mestrado e fazendo o estágio docência na faculdade de Serviço Social da UFAL. Quando soube que a ampliação do pré-vestibular do Conexões permitia a participação de mais professores, eu me voluntariei. Assim, voltei ao programa como voluntário nos anos de 2010 e 2011, dando aula de História em duas comunidades. Mesmo após o fim deste período de voluntariado, sempre me coloquei à disposição do programa para participar de “aulões”, seleção de novos bolsistas ou mesmo substituir professores de História em alguma ocasião.

PRESENTE, PASSADO E FUTURO

Atualmente, sou Técnico em Assuntos Educacionais da Escola Técnica de Artes da (ETA/UFAL). É um cargo de nível superior para licenciados em qualquer área. Então continuo trabalhando com educação, dando suporte às atividades de ensino e extensão da ETA, mas sem estar de fato em sala de aula. Foi uma decisão difícil, assumir a vaga de técnico na UFAL e abrir mão da vaga de professor do IFAL, mas julguei que era o melhor para mim naquele momento. Tem sido gratificante trabalhar na universidade, agora como servidor e não mais como bolsista. Muita coisa mudou desde 2006, mas fica a certeza de que o futuro está diante de nós e que nós o fazemos ser de um jeito ou de outro. Tenho algumas opções a considerar em

relação à carreira acadêmica, um doutorado ou outros concursos. Este tem sido meu foco, juntamente com o trabalho: definir para qual lado ir, profissionalmente falando, que projeto escolher para o meu futuro.

Sobre minha experiência no Conexões de Saberes, o que tenho a dizer é que foi a melhor possível. Foi produtiva e relevante para minha vida acadêmica e profissional, proporcionando possibilidade de atuação profissional enquanto estudante bolsista, provendo capacitação, conhecimento científico, dando ao estudante egresso de espaços populares a chance de retornar à sua comunidade, desenvolvendo projetos importantes para ela e iniciando em pesquisa. O Conexões também coloca o bolsista em contato com debates políticos sérios envolvendo questões como acesso e permanência à universidade, políticas sociais e ensino superior no Brasil. Também é necessário reforçar os resultados positivos obtidos nas comunidades, nos diferentes projetos desenvolvidos durante os anos em que o programa aconteceu na UFAL.

Minha caminhada não se encerra aqui, assim como não estava se encerrando dez anos atrás, ao escrever o texto original do *Caminhadas*. Naquela ocasião, eu era um estudante de graduação, solteiro; hoje sou funcionário público federal, casado, mas ainda caminhando. A confiança que tinha na época continuo tendo, assim como a fé que apresentei naquele memorial. Não sei exatamente onde estarei nos próximos dez anos, mas tenho bons palpites, e sei que a base para isto está lá, naquele breve período em que fui bolsista do Programa Conexões de Saberes na UFAL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SOUZA E SILVA, Jailson de; BARBOSA, Jorge Luiz; e SOUSA, Ana Inês (Orgs.). *Ação afirmativa e desigualdade na universidade brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- _____. (Org.). *Caminhadas de universitários de origem popular - UFAL*. Rio de Janeiro: Pró-reitoria de Extensão, 2009.

CONEXÕES DE SABERES, CONEXÕES DE VIVERES

Walquiria Ana Soares*

Em 2003 ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em 2007, concluí a graduação. Foi uma etapa de muitas mudanças, muitos conflitos, muitas conquistas e muitas realizações.

Durante todo este período de permanência na universidade, as experiências vividas no Conexões foram imprescindíveis. O desenvolvimento de uma nova concepção sobre a realidade, derivada das atividades e pesquisas de campo, além da interação com ambientes e pessoas diferenciadas, com os quais foi possível a troca de saberes, vivências e experiências de vida, tornaram a minha formação em Ciências Sociais muito mais completa.

Por si só, a graduação não contempla aspectos práticos de conhecimento da realidade. Mesmo um curso com aspecto abrangente (e que considero ter sido muito bom e relevante), trabalha com teorias e transferência do conhecimento acadêmico e, mesmo que proponha um repensar sobre a realidade, não promove a necessária interação de saberes fora do ambiente universitário.

Fui selecionada para o Programa Conexões de Saberes no final de 2004, e retornei após a conclusão da graduação, ministrando uma oficina de formação política para os novos bolsistas. As experiências vividas no Conexões me levaram a repensar sobre a formação

* Cientista Social e funcionária do Instituto Estadual do Meio Ambiente (GEA/IEMA).

do conhecimento e reconhecimento dos saberes populares, em geral considerados como folclore ou coisa de caipiras, por não estarem vinculados às matrizes civilizatórias da elite brasileira.

Foram experiências práticas que promoveram a revisão do papel de uma cientista social recém-formada nos ambientes ocupados, sejam eles, a casa, a vizinhança, a igreja, o trabalho e até mesmo as conversas de bar no fim de semana.

A construção de uma nova visão do mundo, com todos os aspectos positivos e negativos presentes no processo de construção histórica da sociedade, fez com que se desvelassem aspectos nunca pensados, elementos que precisam estar camuflados para a manutenção de uma ordem preestabelecida que enaltece o valor financeiro e a posição social em detrimento dos demais aspectos da sociedade.

Uma ordem contraditória que privilegia ao mesmo tempo o “ter” em detrimento do “ser”, mantém um contingente populacional enorme sem condições de atingir esse ter. Uma ordem que estabelece os lugares sociais tomando por base uma história de exploração social, mas que defende o critério da meritocracia, como se todos possuíssem as mesmas condições de acesso aos elementos necessários para “merecer” uma mudança em seu status social.

Cultura, diversidade, direitos e demais elementos devem estar subordinados aos aspectos financeiro e exploratório, e, para manter essa ordem, é necessário promover a desarticulação dos segmentos que podem promover mudanças sociais. Desconsiderar o saber popular é uma destas estratégias. Desconsiderar a origem dos estudantes universitários, transformando-os num grupo de especialistas que desvaloriza seu passado, é outra.

Ao ingressar na universidade e encontrar estas práticas, os estudantes se veem num dilema: como conciliar suas origens e os saberes cotidianos, ancestrais, com uma especialização acadêmica que, além de tudo, os convence de que são sujeitos privilegiados, com inteligência acima da média (pois passaram num vestibular concorridíssimo), são os melhores e escolhidos pelas universidades e, portanto, devem honrar todo cabedal de conhecimento recebido em quatro anos de formação? Como criar um pensamento novo, divergente daqueles presentes no ambiente universitário? Seria quase uma heresia.

Neste sentido, o trabalho no Programa Conexões de Saberes se mostrou extremamente relevante. Acredito ter sido o único programa acadêmico que promoveu esta interface entre universidade

e comunidade, valorizando a realidade do aluno. Evidente que existem outros projetos e programas que realizam pesquisas junto às comunidades. Porém a visão dos estudantes sobre as comunidades é de um objeto de estudo. Realizam-se pesquisas sobre o ambiente e sobre práticas comuns, mas não se articula este saber ao conhecimento acadêmico.

Os estudos servem para ampliar o conhecimento científico e acadêmico e, em muitos casos, as comunidades nem recebem os resultados das atividades realizadas em seu território, especialmente as comunidades tradicionais, tais como quilombolas, pescadores, paneleiras, pomeranos e indígenas, as mais estudadas no Espírito Santo.

No Programa Conexões, a própria escolha dos bolsistas já se mostrou um caso à parte. Foram escolhidos os primeiros estudantes universitários de uma família, afrodescendentes e alunos com idade superior às utilizadas para escolha de bolsistas, pois, em geral, alunos que ingressam no espaço universitário com idade acima de 25 anos não têm acesso às bolsas de iniciação científica e extensão. Os responsáveis pelos editais de seleção de bolsistas agem como se todos os alunos ingressassem na universidade entre 18 e 20 anos.

Além deste aspecto, o incentivo para que os bolsistas desenvolvessem algum tipo de atividade em suas comunidades de origem promove uma integração de saberes, melhorando as condições da comunidade, ao mesmo tempo em que complementa a formação do aluno.

No meu caso, especificamente, ingressei na UFES com 32 anos e dois filhos pequenos, após prestar vestibular por cinco vezes. Durante o período como bolsista do programa, tive acesso a artigos, textos, desenvolvimento de pesquisas, debates e troca de experiências com os colegas que me fizeram confirmar o que já pensava mesmo antes do início da graduação: havia alguma coisa errada com o mundo. Essa percepção me perseguia desde muito nova e, ao unir os conhecimentos da graduação com as atividades do Conexões de Saberes, um novo horizonte se abriu.

Por muitas vezes, ouvi que eu tinha pensamentos exagerados ou que as coisas são assim mesmo, eu é que via problema em tudo. Era só aceitar e seguir vivendo. Mas, ao ter contato com este novo horizonte, percebi que não era eu que estava errada e sim, a construção social, tanto nacional quanto mundialmente. A ordem existente é insustentável e as práticas políticas, que deveriam representar os

interesses populares e buscar uma reversão deste quadro, acabam subordinadas pelo sistema econômico.

Realmente existe uma ordem considerada correta. Mas é correta somente para alguns. É uma regra que determina o lugar social de cada indivíduo. É uma ordem que define o lugar de uma mulher negra na faixa dos 30 anos. E com toda certeza, este lugar não é numa universidade, cursando Ciências Sociais, muito menos sendo aprovada num concurso público assim que termina a graduação.

Esta ordem tem o poder de determinar os escolhidos para ingressar na universidade, para ocupar os cargos públicos, enfim, para serem merecedores e replicadores desta organização. Quem não se adequar está fora, está à margem, como se a margem não fosse exatamente o que delimita, em vários sentidos, a ordem estabelecida. É na margem que se evidenciam os conflitos sociais. É esta margem que busca reconhecimento para sua importância social, com suas características próprias, sua cultura, seu viver e, especialmente, seus direitos, que pelo menos na teoria são iguais em qualquer nível social. Pessoas desta margem é que formaram o Conexões de Saberes e, com algumas exceções, conseguiram alterar não só suas próprias realidades como também a de seus familiares e pessoas próximas.

A atuação junto aos pré-vestibulares populares foi um momento fantástico em que foi possível dividir um pouco do conhecimento necessário para ingresso na universidade com pessoas sem acesso aos cursinhos particulares. Ver pessoas ingressando na UFES depois de várias tentativas, algumas até com filhos no curso superior, foi extremamente gratificante. Existem casos também de pais que, ao verem seus filhos e amigos incentivando pessoas da comunidade, iniciaram ou reiniciaram seus estudos, mesmo após uma idade considerada avançada para estudar. Foram momentos inspiradores para todos nós.

Evidente que este processo de mudança de pensamento e atitudes não é fácil. A ordem que nos organiza também orienta quanto à aceitação da realidade construída. Assim, mesmo que exista um sentimento de revolta e vontade de mudar a realidade, a resignação e as dificuldades de acesso aos meios de mudança transformam esta vontade em ilusão. As pessoas em geral se convencem que não têm direito a mudar seu modo de vida e muitas vezes consideram que as pessoas ao seu redor também não devem tentar fazê-lo. Consideram uma ousadia sem precedentes, principalmente quando se é o primeiro a buscar um curso superior.

No meu caso específico, ouvi muitas vezes que era velha demais para fazer um curso superior. E, após a formatura, ao ter sido aprovada em primeiro lugar num concurso público, o sonho de muitas pessoas, ao invés de receber incentivo e reconhecimento, recebi recriminações, pois esta nova função me afastava do papel social definido para mim. Eu não era mais a mulher na faixa dos 30 anos que tinha a obrigação de abandonar tudo para cuidar dos filhos. Passei a ser uma funcionária pública que atua como socióloga na área de educação ambiental do estado e, como tal, precisa viajar o estado inteiro.

Neste contexto, o pai passou a ter uma responsabilidade maior quanto à criação dos filhos, “abandonados” pela mãe egoísta, que só pensava no próprio desenvolvimento profissional e pessoal. Fui intimada, inclusive, a desistir da função e dar mais atenção à família, representada por duas crianças (que compreendiam muito bem que se eu estava melhor elas também estariam) e dois homens, o pai e o marido, que consideravam uma afronta eu conquistar um lugar que nenhum deles tinha ocupado antes. Somente parei de ser incomodada quando aceitei pedir demissão do trabalho, desde que os dois se unissem e assinassem minha carteira com o valor do salário que ganhava no estado. Como nem juntos possuíam esta condição, optaram por me deixar em paz.

Mas o casamento, que já não ia bem, acabou de vez, fato considerado uma ousadia tremenda. Como eu criaria dois adolescentes sem pai? Estão ambos muito bem, a mais velha, com 21 anos, estudando na UFES, no curso de Estatística, e o mais novo, com 17 anos, ainda definindo o que pretende fazer após o ensino médio. Porém acredito que cumpri o meu papel enquanto exemplo de busca por um mundo melhor, o que considero mais importante que lavar, passar e cozinhar, em nome de uma estrutura familiar decadente.

Eu não tinha ousadia demais. Apenas buscava romper com um padrão preestabelecido que determinasse o que as mulheres podiam decidir, ou seja, aceitar. Em geral, decidem como vão se virar para criar os filhos, como agradar o marido, geralmente um pai ausente ou marido abusivo, o que comer com o dinheiro disponível, a que horas fazer o serviço de casa e outras atividades importantes no dia a dia, mas que não são reconhecidas. São consideradas como obrigação feminina e devem ser realizadas de bom grado e sem remuneração. Ou seja, as mulheres decidem como viver sob as determinações de quem desconhece as vontades, as necessidades e, principalmente, os sonhos que cada pessoa tem.

Entender como isto ocorre só foi possível graças a um conjunto específico de elementos: um espírito inquieto e inconformado, conhecimento teórico sobre a realidade, fornecido pela graduação, e a troca de experiências com pessoas de realidades diferentes, proporcionada pelo ingresso no Programa Conexões de Saberes. Foi parte de um processo que continua até hoje e que ainda me faz repensar se e como cumpro meu papel social, enquanto pessoa e profissional.

A minha passagem pela universidade foi um momento de virada em vários sentidos. E muito dessa virada se deveu ao Conexões de Saberes, porque nele conheci pessoas com problemas maiores e menores que os meus. Pessoas que me ajudaram nas fases de depressão, de angústia e de conflito interno, que colaboraram com meu crescimento. Considero as pessoas com quem convivi neste período verdadeiros espelhos, nos quais vi refletidos muitos dos meus anseios. Muitos sonhos idênticos aos meus e outros que nem havia pensado existir. E meu maior aprendizado foi no sentido de me sentir uma pessoa completa. Uma pessoa com responsabilidades, mas com direito à liberdade de escolha; com racionalidade, mas com emoções bastante afloradas e principalmente aprendi que posso sonhar e que estes sonhos podem ser realizados. Realizei alguns, ainda existem outros na fila e, com certeza, novos surgirão no caminho. E principalmente entendi que sonhos não têm cor, sexo, idade, nada destes estereótipos que fundamentam a desigualdade social. Sonhos têm apenas a função de nos fazer seguir na vida, buscando sempre melhorá-la, com a esperança de que em algum momento possamos realizá-los e ter uma vida mais plena.

Leonor Franco de Araujo

Graduada e Licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com Especialização em História das Sociedades Agrárias pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestrado em História Social das Relações Políticas pela UFES. É Professora da ZUFES, Coordenadora Geral do Programa Conexões de Saberes do MEC/Secad, Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) e membro da Comissão Pró-cotas. Sua atuação é voltada principalmente para os seguintes temas: comunidades negras e quilombolas, escravidão e racismo.



Grupo Estratégico de Análise da
Educação Superior no Brasil



FORD FOUNDATION

Na Linha de Frente das Mudanças Sociais



LABORATÓRIO DE
Políticas Públicas



ISBN 978-85-60379-34-7